

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de História

Marjorie De Nardi Ramos

“As forças da tradição no vento da renovação: a temporalidade representada pelas principais personagens femininas do romance ...e o *Vento Levou* (1936) (Gone with the Wind) de Margaret Mitchell”

Porto Alegre
2012

MARJORIE DE NARDI RAMOS

“As forças da tradição no vento da renovação: a temporalidade representada pelas principais personagens femininas do romance ...e o *Vento Levou* (1936) (Gone with the Wind) de Margaret Mitchell”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como exigência parcial para obtenção do grau de bacharel em História, sob a orientação da professora Susana Bleil de Souza.

Porto Alegre

2012

MARJORIE DE NARDI RAMOS

“As forças da tradição no vento da renovação: a temporalidade representada pelas principais personagens femininas do romance ...e o Vento Levou (1936) (Gone with the Wind) de Margaret Mitchell”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como exigência parcial para obtenção do grau de bacharel em História, sob a orientação da professora Susana Bleil de Souza.

Aprovada: Porto Alegre, 19 de dezembro de 2012.

Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt

Prof. Dr. Cesar Augusto Barcellos Guazzelli

Prof^a. Dr^a. Susana Bleil de Souza (Orientadora)

**Com o espírito da sua raça que, mesmo
diante da derrota, não a reconhece, Scarlett
levantou a cabeça. Havia de reconquistar
Rhett. Tinha a certeza absoluta disso.
“Amanhã, em Tara, hei de pensar em tudo
isso. Então terei mais forças. Amanhã
pensarei no meio de o fazer voltar.
E além disso, amanhã é outro dia”
(MITCHELL, 2000)**

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo compreender as temporalidades representadas pelas principais personagens femininas do livro *...e o Vento Levou* (1936) de Margaret Mitchell, ou seja, como a autora construiu a dama Melanie dentro da obra na época da Guerra de Secessão em contraposição aos valores de Scarlett, que estavam muito à frente de seu tempo, possibilitando situar essa última no próprio período que a autora escreveu a obra. A análise que se pretende fazer não visa ser um estudo aprofundado da obra literária, mas sim captar a coexistência de diferentes valores referentes a diferentes temporalidades e o conflito entre eles. Como base teórica a presente pesquisa vale-se, sobretudo, dos estudos de Paul Ricouer acerca da temporalidade, a construção (através do passado e do presente da autora) de um novo tempo, o da narrativa, onde se inserem as personagens; assim como baseia-se, também, nos artigos de Joan Scott sobre gênero, segundo quem os papéis adequados aos homens e às mulheres são construções culturais.

RESUMEN

El presente estudio tiene como objetivo comprender las temporalidades representadas por los principales personajes femeninos del libro *...lo que el Viento se Llevó* (1936) de Margaret Mitchell, o sea, como la autora construyó la dama Melanie dentro de la obra en la época de la Guerra de Secesión, en contraposición a los valores de Scarlett, que estaban muy al frente de su tiempo, posibilitando situar esa última en el propio período que la autora escribió la obra. El análisis que se pretende hacer, no necesita ser un estudio profundo de la obra literaria, pero sí captar la coexistencia de diferentes valores relacionados a diferentes temporalidades y del conflicto entre ellos. Como base teórica, la presente investigación se vale, sobretodo, de los estudios de Paul Ricouer a cerca de la temporalidad, la construcción (a través del pasado y del presente de la autora) de un nuevo tiempo, el de la narrativa, donde se insertan los personajes; así como basándose, también, en los artículos de Joan Scott sobre género, según quien, los papeles adecuados a los hombres y a las mujeres, son construcciones culturales.

ÍNDICE

I – Introdução	7
II – A Guerra de Secessão, a Reconstrução e a Grande Depressão: as transformações que permitem aproximar o período de 1861 a 1877 às décadas de 1920 e 1930	14
2.1. A mulher e a sociedade : um breve comentário sobre a vida nos Estados Unidos no século XIX e as mudanças que estavam ocorrendo na vida das mulheres nas décadas de 1920 e 1930	22
III – Mitchell e a literatura de seu tempo: a vida de Margaret Mitchell e a literatura que estava sendo produzida nos Estados Unidos na época de publicação da sua obra	26
IV – ...e o Vento Levou: um breve resumo do livro e suas principais personagens femininas	33
4.1. A dama Melanie: uma análise de como esta personagem foi sendo construída como um arquétipo de dama ao longo da obra	33
4.2. A Anti-dama Scarlett: uma análise de como esta personagem se distancia das características de uma dama na obra	36
V – A dama e a anti-dama: uma comparação entre Melanie e Scarlett e a análise de qual temporalidade cada uma representa	44
VI – Conclusão	50
Referências	52

I – INTRODUÇÃO

Em 1936 foi lançado nos Estados Unidos o livro *Gone With the Wind (...e o Vento Levou)*, de Margaret Mitchell. No Brasil, foi publicado pela primeira vez em janeiro de 1940 e até junho de 1945 23,787 cópias foram vendidas (HARWELL, 1976, p.392-393). Sua temática é a Guerra de Secessão e o período posterior a essa, denominado “Reconstrução”, épocas de adaptação da sociedade sulista às novas relações sociais oriundas do Norte do país. As personagens principais são duas mulheres sulistas, Scarlett e Melanie, que viveram tais mudanças, mas lidaram com isso de formas diferentes e opostas. Quando da elaboração da obra, a autora presenciava os anos anteriores e posteriores à Grande Depressão, quando depois de uma década de avanços tecnológicos e crescimento econômico – os anos 1920 – a população sofreu uma enorme transformação em seu modo de vida devido à quebra da Bolsa de Valores. Essas últimas transformações e aquelas sofridas durante a Guerra Civil Americana permitem aproximar os dois tempos e analisar as personagens como representando, cada uma, temporalidades distintas.

Partindo desses fatos, a presente pesquisa tem como intenção estudar os períodos acima mencionados, enfocando as possíveis transformações pelas quais passou a sociedade norte-americana e a aproximação admissível entre ambas. Procura-se compreender como tais fatos e a vida da autora influenciaram na sua obra, e o tipo de literatura que estava sendo produzida na época da publicação do livro, bem como as características das duas personagens principais. Isso tudo para tentar entender, sobretudo, como Mitchell utilizou os valores de seu tempo, contrapondo-os com aqueles tradicionais da sua sociedade, representando-os nas personagens de Scarlett e Melanie, respectivamente.

Apenas três anos após a publicação do livro, foi lançada sua adaptação cinematográfica, em 1939. Sua estréia foi um sucesso. Segundo Beatriz Velloso, “a produção trouxe o que de mais moderno havia em termos de tecnologia de cinema naqueles tempos. Representou, ainda, um investimento monstruoso para os padrões do período: US\$ 3,9 milhões. Faturou igualmente alto, US\$200 milhões, e garantiu um dos maiores lucros já registrados” (VELLOSO, [2005?]). Embora ambos tenham

sido um êxito, o filme rendeu muito mais artigos e trabalhos¹ que o livro. Segundo o levantamento que realizei², há uma dissertação de mestrado, feita em 1986, comparando o livro ao filme, que se chama “...E o Vento Levou, o discurso dos vencidos”, de Adauto Filho Ribeiro da Universidade de São Paulo³.

Quanto ao livro, há um estudo sobre as mulheres intitulado “A Mulher e a Terra em O Tempo e o Vento e O Vento Levou”, de Débora Diersmann (PEREIRA, 2004). A autora fez uma comparação entre *O Tempo e o Vento*, de Érico Veríssimo e *...e o Vento Levou*, de Margaret Mitchell, por encontrar nestas obras semelhanças entre suas personagens femininas. Uma dessas semelhanças é que, em vez da inocência, da submissão e da beleza, apareciam elas com características exatamente opostas. Além disso, a autora também percebeu, nas duas obras, uma ligação entre as personagens e a terra, a partir da qual se questionou sobre qual seria o fator que impulsionava as mulheres das épocas das duas obras a agirem de forma tão sutil, corajosa e determinada; o que as fazia amar e defender tanto suas próprias terras (PEREIRA, 2004, p.1). Há um ensaio apenas enfocando gênero, intitulado “E o vento levou - o tempo em que ser feminina era só ser uma dama...”, de Daniella Lima. Embora seja sobre o filme é bastante interessante, pois a autora busca analisar os “atos performativos da personagem vivida por Vivien Leigh, Scarlett O’Hara, no filme ‘E O Vento Levou’, na medida em que reiteram /subvertem/ reiteram a representação feminina em um dado contexto histórico-cultural” (LIMA, 2005, p.2).

Embora o tema central do livro não seja a escravidão, ele é muito citado e utilizado para se falar a respeito do assunto⁴. A presente pesquisa irá trabalhar com

¹ Alguns exemplos: SANTOS, Paulo José dos. *Tempos de Tara: uma análise histórica do filme E o vento levou...* 2002. Universidade Federal Fluminense, Niterói. Pós-Graduação Lato Sensu em História Contemporânea.; LABAKI, A. ; BUCCI, E.e o vento levou. Folha conta 100 anos de cinema. Rio de Janeiro: Imago, 1995, v. , p. 33-36

² Alguns locais pesquisados: *Portal Capes*, *Currículo Lattes* do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e *Google acadêmico*.

³ Resumo disponível em: <<http://de.scientificcommons.org/14919179>>. Acesso em 10 novembro 2012.

⁴ Alguns exemplos: “Custodians of History”: (Re)Construction of Black Woman as historical and Literary Subjects in Afro-American Cuban Woman’s Writing (2005), de Paula Sanmartin. Disponível em: <<http://www.lib.utexas.edu/etd/d/2005/sanmartind11923/sanmartind11923.pdf>>. Acesso em 10 novembro 2012.; *The Crucible of Race: black-white relations in the American South since emancipation* (1984), de Joel Williamson. Disponível em: <[http://links.jstor.org/sici?sici=0022-4529\(198622\)19%3A4%3C709%3ATCORBR%3E2.0.CO%3B2-3](http://links.jstor.org/sici?sici=0022-4529(198622)19%3A4%3C709%3ATCORBR%3E2.0.CO%3B2-3)>. Acesso em: 10 novembro 2012.

gênero e temporalidade e não apenas com as personagens femininas do livro, ou com aspectos da escravidão. Isso implicará um estudo sobre os dois aspectos já citados acima. Em relação ao primeiro, analisarei as características de Scarlett e Melanie e os valores que estas representam. Já sobre o segundo, buscarei, observando a época da autora e a recriada no livro, relacionar os valores que pertencem a esses diferentes tempos.

Apesar de existirem discussões sobre escravatura e estudos apenas sobre Scarlett, não encontrei nenhum que compreenda as duas personagens que irei estudar. Sendo elas o seu núcleo, pode-se examinar o universo feminino que o livro representa, de diversas maneiras: algumas delas já mencionadas, de um modo comparativo ou apenas analisando como era ser uma dama no contexto descrito. A presente pesquisa vai tratar, além da questão de gênero, também da questão do tempo na referida obra e, principalmente, aquele contido e simbolizado nas personagens. Através da personagem principal, Scarlett, a autora buscou transmitir valores que mulheres da sua própria realidade possuíam; mostrando, através da oposição muito forte desta com Melanie, que teria os valores ainda de uma sociedade que já não existe mais, o antigo Sul como ele era antes da Guerra, os códigos que regiam antes aquela sociedade, os quais já não seriam mais válidos para este novo “país” unificado que estava se formando e para o “seu” país que se reconstruía após a depressão.

A literatura, sendo uma narrativa ficcional, deve ser trabalhada de uma maneira diferente, mas isso não significa que não se possa utilizar um livro de literatura para o estudo da História. O livro de Margaret Mitchell deve ser analisado levando em consideração o seu contexto de publicação, pois sua realidade influenciará na construção da obra, como se pretende demonstrar com este estudo.

A fim de se atingir os objetivos propostos, o estudo vale-se dos estudos de Joan Scott acerca da questão de gênero e de Paul Ricoeur sobre temporalidade e narrativa. Gênero aqui aparece como um termo que é

utilizado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro. Essa utilização enfatiza o fato de que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que ele é criado nesse e por esse mundo masculino. (SCOTT, 1995, p.73)

O livro de Mitchell tem como personagens principais mulheres, inseridas num contexto de guerra, um mundo tipicamente masculino.

Nos Estados Unidos, o termo “gênero”, é extraído tanto da gramática – com suas implicações sobre as convenções ou regras (feitas pelo homem) do uso da lingüística –, quanto dos estudos de sociologia dos papéis sociais designados às mulheres e aos homens. Segundo Scott, as feministas procuram enfatizar o aspecto relacional do gênero, não se podendo “conceber mulheres, exceto se elas foram definidas em relação aos homens, nem homens, exceto quando eles foram diferenciados das mulheres” (SCOTT, 1992, p.86-87). É por este viés que este estudo pretende seguir, relacionando homens e mulheres, dentro de seus valores da época, visto que um é necessário para definir o outro.

Existe, ainda, uma relação social e de poder entre os sexos, fenômeno esse que também pode ser designado pelo termo gênero, o qual

torna-se uma forma de indicar “construções culturais” – a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres. “Gênero” é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. (SCOTT, 1995, p.75)

Como exemplo disso, tem-se a personagem principal, Scarlett, cujas características não a qualificavam, segundo os valores da época (1861), como uma dama, assim como o caráter de seu parceiro, Rhett Butler, que igualmente não o classificavam como um cavalheiro; por outro lado, Melanie e Ashley eram os arquétipos desses pólos. Percebe-se, então, que os conceitos “dama” e “cavalheiro” são construídos pela sociedade e implicam relações de poder. Dessa forma, pode-se observar que as personagens femininas centrais, Scarlett e Melanie, contrapõem-se fortemente: a primeira sendo a antítese de uma dama e a segunda sendo uma “verdadeira dama”. Essas mulheres seriam, no caso, “os símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas (e com freqüência contraditórias)” (SCOTT, 1995, p.86).

No que se refere ao tempo, as personagens representam temporalidades diferentes: em Melanie estariam as características tradicionais, de um tempo passado, que não se adaptou ao novo; enquanto Scarlett representa o rompimento para com essas regras sociais e morais, demonstrando grande capacidade de

adaptação. Para analisar essas temporalidades, são válidas as considerações de Ricoeur:

existe entre a atividade de narrar uma história e o caráter temporal da experiência humana uma correlação que não é puramente acidental, mas representa uma forma de necessidade transcultural. Ou, em outras palavras: *que o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, e que a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal* [grifo do autor]. (RICOEUR, 1995, p.85)

Mitchell narra fatos que se desenvolveram no “seu” passado, a Guerra Civil e a Reconstrução, e, por esse motivo, possíveis de serem escritos. São fatos históricos, mas com a introdução de personagens fictícios. A “experiência humana”, isto é, da autora, permite a inserção dos valores os quais acredita que as mulheres de sua época deveriam ter na personagem feminina central, Scarlett. Ao mesmo tempo, Melanie possui princípios do período retratado contrários aos daquela.

Para poder desenvolver a questão da temporalidade, é preciso entender primeiro um pouco da teoria do termo *mimese*, que é apresentado em três momentos por Paul Ricoeur em “Tempo e Narrativa”. A *mimese I* seria a pré-compreensão do mundo da ação como pressuposto da composição narrativa, ou seja, pré-figuração; a *mimese II* é a configuração do mundo da ação na narrativa; e, por fim, a *mimese III*, como momento no qual a configuração narrativa, apesar de introduzir um corte com o mundo efetivo, mantém um laço com o real porque pressupõe um saber da ação (JORQUERA, 2006). A *mimese II* é um “tempo construído” e é com ele que se pretende trabalhar, pois Mitchell utiliza o passado (Guerra de Secessão) para, junto com seu presente (valores das mulheres que a autora está inserindo), construir um novo tempo, o da narrativa, e nele colocar seus personagens.

A Guerra Civil é um tema muito conhecido dos norte-americanos, por isso Mitchell fez uso do conflito e, juntamente com ele, inseriu suas discussões atuais. Ricoeur afirma que “qualquer narrativa pressupõe, da parte do narrador e de seu auditório, uma familiaridade com termos” (RICOEUR, 1995, p.90) e, a partir disso, pode-se inferir que o mesmo acontece com o autor e seu leitor. Margaret, ao escrever o livro, trata de temas conhecidos seus, tais como a guerra, valores sociais tradicionais e o papel da mulher na sociedade. Isso faz com que mesmo o leitor de

seu tempo (1936) que porventura não conheça a Guerra de Secessão e seu contexto social e cultural, entenda a obra, uma vez que os valores nela transmitidos são próximos de sua realidade.

A presente pesquisa teve início há alguns anos atrás, nas disciplinas de Técnicas de Pesquisa Histórica. Tendo esse estudo como base, novas fontes foram incorporadas na tentativa de uma melhor compreensão do tema estudado.

Inicialmente, no primeiro capítulo deste trabalho, faz-se uma breve contextualização e comparação das diferentes épocas: aquela na qual a autora escreveu e a do tema do livro. Procura-se mostrar como esses dois períodos caracterizavam-se por transformações na sociedade, tanto devido à guerra, como por uma crise econômica, mas também, por diversas transformações sociais, como por exemplo, as mudanças de relações entre homens e mulheres. No subtítulo, será analisado, mais especificamente, a mulher nas décadas de 1920 e 1930: o que estava acontecendo com as mulheres na época que a autora escreve o livro, o início da independência econômica em relação ao homem, tanto pai, irmão quanto marido (as mulheres começam a trabalhar mais fora de casa). Devido à falta de bibliografia encontrada, não foi possível aprofundar a questão da mulher no período da Guerra de Secessão e da Reconstrução, foi feito apenas um breve comentário sobre como era a vida das mulheres no século XIX.

No segundo capítulo, apresenta-se um pouco da vida da autora para mostrar como alguns fatos desta teriam influenciado na sua obra. Também se pretende tratar como o livro se insere dentro do campo da literatura norte-americana e em que tipo de literatura os autores⁵ que o analisam situam a obra. Aqui também é mostrado o que outros autores, conhecidos ou não, estavam escrevendo nessa época e se o livro analisado é semelhante ou diferente deles.

Para uma melhor compreensão da análise das personagens, o seguinte capítulo traz um resumo do livro *...e o Vento Levou* e, em seguida, é dividido em duas partes, cada uma dedicada a uma personagem. A primeira é dedicada a Melanie e mostrará, através de passagens do texto, como essa, segundo as características e comportamentos citados no primeiro capítulo, representa o estereótipo de uma dama; também como ela e o marido, Ashley, que é o estereótipo do cavalheiro, ficam “deslocados” nessa nova sociedade que estava se formando,

⁵ Como Heinrich Straumann e Willard Thorp.

estando, ainda, muito presos àquelas antigas tradições sulistas que se modificam com a vinda dos nortistas. A segunda é destinada a Scarlett, e, também com passagens do livro, tenta mostrar como a personagem é o oposto da apresentada anteriormente, apesar de querer e, às vezes, se esforçar para tentar ser uma dama, o que não o é. Faz-se aqui também uma relação da personagem com as mulheres da época da autora.

Depois de mostrar os contextos, como a mulher vivia neles e as características das duas personagens principais, no último capítulo procura-se fazer uma comparação e demonstração de como Scarlett e Melanie são dois opostos, sendo essa uma “verdadeira” dama e aquela uma “anti-dama”. Tal comparação e análise entre as personagens será feita no que tange às relações de gênero e às temporalidades que cada uma “encarna”.

II – A GUERRA DE SECESSÃO, A RECONSTRUÇÃO E A GRANDE DEPRESSÃO

As transformações que permitem aproximar o período de 1861 a 1877 às décadas de 1920 e 1930

Na década de 1930, logo após a Grande Depressão, época em que a autora Margaret Mitchell terminou de escrever seu livro *...e o Vento Levou*, temos uma mudança econômica, mas também social, visto que as mulheres começaram a trabalhar cada vez mais fora de casa. Já nos anos de 1861 a 1877, durante a Guerra de Secessão e seu período posterior, Reconstrução, com seus maridos na luta, as mulheres tinham que cuidar da ordem dentro e fora de casa e, depois de terminado o conflito, tiveram que lidar com os novos valores - do Norte - que passaram a se mesclar com os seus antigos costumes - do Sul.

A Guerra Civil Americana foi um conflito entre a União (Norte) e os Confederados (Sul) que iniciou em 1861 e durou quatro anos, até 1865, com a vitória do Norte - parte do país mais desenvolvida, predominantemente mais industrializada e sem escravatura. O Sul, por sua vez, era mais agrário, com suas grandes fazendas de algodão, e dependente do trabalho escravo. Os problemas⁶ que até aquele momento vinham sendo resolvidos por meio de tratados e acordos chegaram ao seu limite, eclodindo então a guerra. Em 1860, Abraham Lincoln ganhou as eleições para presidente. Ele estava de mãos atadas quanto à questão da escravatura, pois os sulistas eram maioria no Congresso e também na Corte Suprema (NEVINS, 1986, p. 244), o que não impediu a secessão sulista com a saída da Carolina do Sul da União, em dezembro de 1860. Em fevereiro, outros seis estados também estavam fora da União: Alabama, Mississippi, Flórida, Geórgia, Louisiana e Texas; mais tarde, quatro estados se juntaram à Confederação: Virgínia, Arkansas, Tennessee e Carolina do Norte (DIVINE ET AL, 1992, p. 332).

Os conflitos ocorreram nos territórios pertencentes ao Sul, como explica Divine et al., “para conseguir sua meta de independência, a Confederação precisava apenas defender seu território com sucesso. O Norte, por outro lado, tinha que invadir e conquistar o Sul” (DIVINE ET AL, 1992, p.337). No início da Guerra, as

⁶ Tais como o problema das tarifas sobre artigos manufaturados: o Norte almejava tarifas alfandegárias elevadas e protetoras; já para o Sul, que importava muitos produtos, tarifas elevadas não eram interessantes. Outros pontos de divergências diziam respeito à gratuidade de casas e terras para fazendeiros livres e a decisão de quais novos territórios (devido à expansão para o oeste) iriam ser escravistas ou não.

duas regiões acreditavam que o conflito teria um rápido fim: a União confiando na sua superioridade técnica e o Sul acreditando na sua “superioridade” em relação à “ralé” do Norte. Outros motivos que os levaram a acreditar nisso são que

o Norte possuía uma vantagem de quatro para um no número de pessoas aptas ao serviço militar (uma vez que os negros não podiam integrar o exército sulista), além de concentrar as maiores empresas do país e contar com cerca de 35 mil quilômetros de estradas de ferro. Por outro lado, grandes nomes da estratégia militar dos Estados Unidos lutavam ao lado do Sul, como, por exemplo, o general Robert Lee, que impediu, no início, diversas invasões em Richmond, mesmo contando com menos soldados. (FERNANDES, 2007, p.132)

Não cabe aqui descrever as inúmeras batalhas e combates ocorridos entre confederados e nortistas, apenas mencionar que, até 1863, o Sul conseguiu se manter bem, com um número de vitórias maior que o Norte. Mas, no início de 1863, segundo Divine et al. “a economia dos confederados estava em frangalhos e sua diplomacia tinha entrado em colapso. A ordem social no Sul estava mostrando também sinais de grande tensão” (DIVINE ET AL, 1992, p.349). A União então, lentamente, começou a obter vitórias importantes⁷, que culminaram na tomada de Atlanta, em 2 de setembro de 1864, pelo general Sherman, e sua marcha através da Geórgia até o mar, destruindo quase tudo o que tivesse algum valor militar ou econômico num corredor de 450 por 100 quilômetros de largura. Enquanto isso, o general Grant atacou e forçou os confederados a abandonar as cidades de Petesburg e Richmond. Uma semana mais tarde, em 9 de abril de 1865, Robert Lee rendeu-se com seu exército. (DIVINE ET AL, 1992, p.349-353)

A Guerra Civil terminou e, com seu fim, deixou um Sul desestruturado e em um grande colapso econômico. Para Miller

permanecendo o Sul à margem da União, durante a Guerra Civil, o Governo Federal não perdera tempo em promulgar leis que a oposição sulina anterior à guerra contribuíra persistentemente para derrotar. Incluíam essas medidas o problema das elevadas tarifas sobre artigos manufaturados, a gratuidade de casas e terras para fazendeiros livres, a outorga de generosas concessões territoriais a estradas de ferro transcontinentais, cujo traçado atravessasse o Norte. (MILLER, 1962, p. 206)

⁷ Como por exemplo: a conquista da cidade de Vicksburg, obtendo assim o controle do Rio Mississippi; a vitória dos nortistas sobre uma série de ataques confederados às tropas do General George Meade; e o controle do Norte sobre o Meio Sul, uma área onde haviam se registrado lutas indecisas desde o início do conflito.

Essas medidas contra as quais o Sul anteriormente lutou tiveram que ser acatadas, pois a região passou a fazer parte da União. Iniciou-se, então, o período denominado “Reconstrução”.

A Reconstrução foi a retomada por parte dos territórios sulistas de sua posição própria em relação à União. Para Nevins e Commager, seu objetivo era triplo:

em primeiro lugar, e simplesmente, serviria para varrer o caso da Confederação, levar os Estados sulistas de volta para a União, reparar e reativar os mecanismos abalados da política e administração nacionais. Em segundo lugar, assegurar aos negros recém emancipados não somente sua liberdade mas também seus direitos políticos e civis. O terceiro objetivo era preservar e prorrogar a legislação da guerra civil referente às tarifas, terras do Oeste, bancos, moedas e finanças e interesses semelhantes, reforçando o Partido Republicano no Sul e em toda a nação. (NEVINS, 1986, p. 261-262)

As medidas tomadas não apenas envolviam questões políticas, mas toda uma reestruturação da sociedade. Os negros agora eram livres, mas a maioria branca da nação, sejam os nativos ou os imigrantes, acreditava na inferioridade inata da “raça negra”; mesmo entre os abolicionistas, eram poucos os que aceitavam os negros como intelectual e politicamente iguais. Para os brancos, a abolição não só atingiu suas carteiras como também o conceito que tinham de ordem social. Essa foi a mudança social mais significativa. Por todo o Sul, a sociedade começou a consolidar uma profunda segregação baseada em “critérios raciais”. À exceção do mundo do trabalho, em que brancos e negros conviviam parcialmente, a sociedade sulista comportava dois mundos separados (FERNANDES, 2007, p.140-141).

Além dessas mudanças, houve outras: foi introduzido o ensino popular, ampliado os direitos das mulheres sobre seus bens, muitos funcionários locais pela primeira vez conseguiram concorrer à eleição e foi encorajado o desenvolvimento ferroviário e industrial (DEGLER, 1985, p.172). Outra modificação importante ocorreu a respeito do governo de cada estado: os brancos que eram a favor da Confederação antes e durante a Guerra – mais especificamente o grupo dos fazendeiros –, agora não poderiam ocupar altos cargos no novo governo, pelo menos até o final da Reconstrução em 1877.

Margaret Mitchell publicou seu livro em 1936, mas, para entender um pouco melhor sobre a sua época, serão abordadas, a seguir, as décadas de 1920 e 1930.

Segundo Sean Purdy, “a História das décadas de 1920 e 1930 é um estudo de contrastes em muitos aspectos” (PURDY, 2007, p.197), pois a primeira década viu um crescimento econômico e a retomada do conservadorismo na sociedade, nas políticas e na cultura; e, na década seguinte, ocorreu a maior crise econômica da história do capitalismo que pôs fim às certezas econômicas e sociais dos anos anteriores.

Os anos vinte marcaram o início de uma era na qual o povo americano aprendeu a se adaptar à vida nas cidades, em que os americanos passaram a fazer do automóvel o centro de suas existências; uma era na qual rejeitaram o passado rural, embora mantendo a nostalgia pelos antigos valores que ele representava. O povo americano desfrutava, nesta década, o mais alto padrão de vida mundial, com o advento da indústria de bens de consumo. Com isso, a produção industrial americana quase duplicou e o produto nacional bruto cresceu 40 por cento; igualmente importante, a renda nacional per capita aumentou 30 por cento. Assim, os operários americanos tornaram-se muito bem pagos e, desta forma, podiam comprar grande quantidade de novos produtos que saíam das linhas de montagem (DIVINE ET AL, 1992, p.547).

Os autores de *América: passado e presente* colocam o automóvel como centro da existência dos norte-americanos, e destacam

o grande estímulo dado pela indústria automobilística às indústrias de aço, tinta, borracha, vidro e construção de estradas. Postos de serviço, cabines de turistas (precursores do moderno motel) e *drive-ins* de todos os tipos começaram a aparecer na paisagem, ao lado das auto-estradas, grandes e pequenas. O automóvel mudou todos os padrões de vida na cidade, disto resultando uma explosão suburbana, agora que os incorporadores podiam construir moradias em círculos cada vez mais afastados do centro das cidades. (DIVINE ET AL, 1992, p.548)

Além do automóvel, outros produtos de bens de consumo floresceram na mesma época, como a indústria de eletrodomésticos. Dois terços das famílias americanas desfrutavam de energia elétrica no final da década e gastavam grandes somas em máquinas de lavar, aspiradores, geladeiras e fornos. Segundo os mesmos autores citados acima, “as novas utilidades diminuiram o trabalho das donas de casa e propiciaram uma era de lazer” (DIVINE ET AL, 1992, p.548). Mas apesar dos operários e trabalhadores negros terem se beneficiado de todo esse

desenvolvimento, os grupos que mais ganharam foram os americanos brancos da classe média e alta.

Se na cidade era assim, no campo a vida era mais dura. Em 1920, metade da população americana ainda vivia em áreas rurais, mas ao longo da década mais de três milhões de americanos saíram do campo à procura de trabalho nas cidades. De acordo com Divine et al.,

a dominação urbana levou a uma reação que produziu um lado negro nos anos vinte – um lado onde floresceram os preconceitos, os ódios e a intolerância. Para os milhões de americanos que viviam nas pequenas cidades ou em fazendas, a cidade grande veio representar tudo o que de mau existia na vida contemporânea. Preponderantemente anglo-saxão e protestante tradicional, este povo rural condenava o crime concentrado nas cidades, o radicalismo e o modernismo que eles sentiam que estava ameaçando o seu sistema de vida. (...) À medida que as áreas urbanas cresciam em população e riqueza, a zona rural revidou num esforço deliberado, embora destinado ao fracasso, de restaurar a pureza perdida dos valores americanos. (DIVINE ET AL, 1992, p.556)

Estes mesmos autores afirmam que “a mais terrível expressão de protesto rural contra a cidade foi o renascimento da Ku Klux Klan” (DIVINE ET AL, 1992, p.558). A moderna Klan foi fundada em 1915, mas foi depois de 1920 que ela se multiplicou, tendo, no final desta mesma década, quase desaparecido. Mas, desta vez, ela não estava voltada contra negros e sim contra estrangeiros – italianos, russos, judeus e católicos. Também punia os negros que “não sabiam seu lugar”, mulheres que praticavam a nova moralidade e estrangeiros que recusavam se conformar⁸.

Além desse conflito entre o campo e a cidade, a sociedade mais urbanizada sofria, de maneira geral, preconceitos. Os trabalhadores começaram a abandonar os sindicatos, pois os empresários começaram a adotar “O Plano Americano”⁹, e os que ainda estivessem vinculados a alguma dessas associações eram forçados a assinar contratos em que faziam concessões aos patrões. Além destes, mulheres, negros e imigrantes tiveram que lidar também com discriminações e violências específicas¹⁰,

⁸ Mas deve-se ressaltar que a nova Klan não punia apenas com a violência, ela tentava modos pacíficos de coerção, formulando códigos de conduta e procurando o apoio da comunidade.

⁹ Era um programa para esmagar o poder dos sindicatos por meio da intimidação e demissão de ativistas sindicais.

¹⁰ Para um exemplo: o caso de meio milhão de mexicanos que imigraram em 1920 para trabalhar nos campos e nas cidades da Califórnia e do Sudeste dos Estados Unidos. Eles eram fonte de mão-de-obra barata para agronegócios, construção civil e fábricas, e acabaram construindo bairros próprios

além da falta de interesse dos sindicatos e dos Estados por seus problemas (PURDY, 2007, p.201).

Quanto à questão política neste período, pode-se dizer que foi a década republicana. O GOP (Grand Old Party) controlou a Casa Branca de 1921 até 1933 e também possuía maioria em ambas as casas do Congresso de 1918 até 1930. O papel do governo na economia aumentou em vez de diminuir na década de 1920; os republicanos alargaram o parâmetro da atividade federal e quase duplicaram o número de empregados da Federação. Divine et al. afirmam que “em vez de voltar ao tradicional *laissez-faire* do século XIX, as administrações republicanas dos anos vinte foram pioneiras da estreita colaboração entre o governo e a iniciativa privada” (DIVINE ET AL, 1992, p.563), o que não impediu a queda da bolsa de valores em 1929.

De qualquer forma, a década de 1920 marcou uma grande transição na política americana, assim como no desenvolvimento econômico e social. Segundo Divine et al.,

uma América velha, fundada em valores rurais, estava dando lugar a uma nova sociedade urbana na qual a produção e o uso dos produtos de consumo levava a um modo de vida muito diferente. Do mesmo modo como a cultura do século XIX se centrava em torno da fazenda e da estrada de ferro, o automóvel e a cidade tornaram-se os motivos centrais da América moderna. (DIVINE ET AL, 1992, p.565)

No entanto, apesar do nítido progresso econômico alcançado nos anos 1920, a década terminou em severa depressão que prevaleceu durante os anos trinta e só foi solucionada depois da Segunda Guerra Mundial.

A prosperidade dos anos vinte teve uma interrupção abrupta em outubro de 1929. O mercado de ações, que havia subido durante toda a década, subitamente despencou. No dia 24 de outubro de 1929, a Bolsa de Valores nos Estados Unidos caiu em um terço e, para Purdy, deu “origem à pior crise econômica na história do capitalismo mundial” (PURDY, 2007, p.205). Ainda segundo o autor citado acima, “até 1932, 5 mil bancos americanos haviam falido, a produção industrial caíra 46%, o Produto Interno Bruto (PIB) diminuía um terço e os preços, a metade” (PURDY, 2007, p.205).

em Los Angeles, El Paso, San Antonio e Denver que hoje têm uma forte influência mexicana na cultura da região.

De 1929, e por quatro anos, até 1932, houve um constante decréscimo dos valores das ações, até chegar a 80 por cento abaixo do valor de 1929. O desemprego chegou a 12 milhões de pessoas em 1932 (DIVINE ET AL, 1992, p.566). Para Divine et al., “a Depressão provocou profundas mudanças nas lealdades políticas americanas. Os republicanos, dominantes desde a década de 1890, deram lugar à nova maioria democrata” (DIVINE ET AL, 1992, p.566). O resultado foi a eleição de Franklin Delano Roosevelt para a presidência, em 1932, e a introdução do *New Deal* – um pacote de reformas para promover a recuperação industrial e agrícola, regular o sistema financeiro e providenciar mais assistência social e obras públicas, que aumentou o papel do governo na vida americana. Programas de planejamento regional, obras públicas e subsídios à construção civil tentaram animar a economia enquanto diversos esquemas de previdência e empregos públicos foram implementados para mitigar o desemprego.

Os novos órgãos públicos mostraram-se ineficientes e a economia piorou. Roosevelt então lançou o segundo *New Deal*, em 1935, com programas ampliados de assistência social emergencial, impostos sobre fortunas privadas, um sistema de relações industriais que incentivou a sindicalização e a previdência social para os desempregados, crianças, deficientes e aposentados. Para Purdy:

comparado aos estados de bem-estar dos países socialdemocratas da Europa, o *New Deal* de Roosevelt foi modesto. Não recuperou a economia (a Segunda Guerra Mundial o fez) nem redistribuiu renda, mas trouxe em alguma medida segurança econômica para muita gente, transformando as relações entre cidadãos e o Estado por meio da garantia de uma mínima qualidade de vida e proteção social contra as adversidades. (PURDY, 2007, p.210)

A vida econômica e social das famílias durante a Depressão mudou. Ressurgiu a prática de fabricar roupas, manter hortas, cozinhar e fazer todas as refeições em casa. Para economizar, muitas famílias alugaram quartos ou dividiram casas com parentes e outras famílias. Essas mudanças provocaram tensões na vida familiar. Não podendo conseguir emprego ou forçados a pedir assistência, muitos homens abandonaram suas famílias. Taxas de fecundidade e casamento diminuíram pela primeira vez no país desde os primeiros anos do século XIX (PURDY, 2007, p.208).

Em 1936, Franklin Roosevelt foi reeleito presidente dos Estados Unidos. A análise, realizada no presente trabalho, da década de trinta se encerra no ano de

1936, justamente por ser ele o ano de publicação da obra de Margaret Mitchell e, portanto, a data limite que interessa para esta pesquisa.

Através dos relatos feitos acima, das décadas de 1920 e 1930, e do período da Guerra de Secessão (1861-1865) e da Reconstrução (1865-1877), pode-se perceber que em ambos a sociedade sofreu uma grande mudança no seu modo de vida. São justamente essas transformações que estavam ocorrendo na sociedade que tornam possível uma aproximação entre as duas épocas.

Para os leitores de 1936, que estão passando por uma série de problemas econômicos, conforme explicado, devido à queda da Bolsa de Valores e ao período posterior à Depressão, que levou ao desemprego de milhões de americanos, não era difícil entender o que havia ocorrido com o antigo fazendeiro, de 1865, que perdeu sua propriedade – consequentemente sua fonte de renda – pois ambos estavam, embora em tempos diferentes, em uma situação similar. O primeiro perdeu seu emprego devido aos cortes que as empresas tiveram que fazer para manter-se funcionando e não tem como sustentar sua família; já o segundo, voltou da Guerra em que foi derrotado e o dinheiro da Confederação não vale mais nada; além disso, sua fazenda está destruída e os impostos sobre ela cada vez mais caros, impossibilitando-o assim de manter o padrão de vida que possuía antes da Guerra.

Além da questão econômica, havia também as mudanças que estavam ocorrendo nas duas sociedades. Nas décadas de 1920 e 1930, a sociedade estava vivendo um período de abundância e muitas novidades tecnológicas, de um consumo sem igual. De repente, a economia entrou em colapso com a queda da bolsa e as elites e classes médias, que antes viviam bem, tinham então que lidar com o desemprego, a perda de suas casas e seus bens e, em alguns casos, como citado acima, tiveram que morar com outros familiares ou outras famílias. Esse tipo de mudança transforma todo o modo de vida de um grupo que teve que se habituar a essas dificuldades por algum tempo. De uma maneira semelhante, a Guerra Civil Americana destruiu a forma como as elites brancas do Sul viviam – em grandes fazendas com muitos escravos. A partir da Reconstrução, os brancos tiveram que aprender a conviver com negros livres que não eram mais subordinados a eles. A maioria dos ex-escravos também teve que aprender outro modo de ganhar a vida, já que os antigos senhores não tinham mais dinheiro e perderam suas fazendas.

Assim, o leitor de 1936 era capaz de compreender e se identificar com a obra de Margaret Mitchell, que tem como tema a Guerra de Secessão e a Reconstrução, uma vez que os valores nela transmitidos são próximos de sua realidade, como mostrado acima. Isso é possível, pois como escreve Ricoeur “qualquer narrativa pressupõe, da parte do narrador e de seu auditório, uma familiaridade com termos” (RICOEUR, 1995), que é o que está ocorrendo entre a autora e seus leitores.

2.1. A MULHER E A SOCIEDADE

Um breve comentário sobre a vida nos Estados Unidos no século XIX e as mudanças que estavam ocorrendo na vida das mulheres nas décadas de 1920 e 1930.

No século XIX, a norte-americana Judith Sargent, segundo Godineau, cria “o seu modelo de nova mulher americana, apelidada de Penélope, do nome daquela que teve de prover às suas necessidades e preservar o lar durante a longa ausência do seu esposo” (GODINEAU, 1995, p. 35). As mulheres desse tempo são: instruídas, orgulhosas, fortes, com amor-próprio e autoconfiança, e “saem engrandecidas das infelicidades que atravessam. Eis as mulheres de que a América necessita” (GODINEAU, 1995, p. 36). Mas Godineau adverte: “atenção: ela [a América] necessita delas [as mulheres] em suas casas, no seio das suas famílias. Porque é lá o seu lugar, que ninguém – homem ou mulher – pretende mudar” (GODINEAU, 1995, p. 36). Essa autora está se referindo à Guerra de Independência, de 1777, mas quanto ao lugar da mulher ser dentro de casa, como vamos observar a seguir, isso não havia mudado nem mesmo na época em que Mitchell escreveu seu livro, pelo menos para a elite. Segundo Luedtke,

a galanteria americana era tida como milagrosa intervenção do refreamento voluntário. Alguns visitantes na verdade se continham ante a deferência que as mulheres americanas recebiam de homens sofridos que de boa vontade cediam tudo desde assentos em veículos superlotados até os melhores lugares à mesa. Alguns apontavam para o novo poder que as mulheres moralistas pareciam possuir; o recato controlava tanto a arte e a linguagem que até as referências casuais ao corpo podiam suscitar imediata indignação. (LUEDTKE, [19--], p.145)

Assim, a sociedade americana do século XIX era dominada pelo moralismo de suas mulheres.

Como já observado anteriormente, na década de 1920, as cidades americanas estavam crescendo e uma economia industrial urbana de produção em série, de assalariamento individual e de compras a dinheiro tornou-se a norma dominante. Segundo Nancy Cott, “hábitos modernos de produção, consumo e lazer contribuíram para a homogeneização das velhas diferenças entre o Sul e o Norte, entre campo e cidade” (COTT, 1995, p. 96). Nessa década, segundo Divine et al., “uma nova liberdade para mulheres e crianças parecia estar surgindo” (DIVINE ET AL, 1992, p.551) pois, estavam ocorrendo mudanças importantes na estrutura da família americana, que começou a se desmantelar sob o impacto das mudanças econômicas e sociais. As mulheres já começavam a sair de casa no começo do século quando a segunda revolução industrial proporcionou novos empregos para elas. Contudo, a maioria delas tinha empregos de menor salário, desde estenógrafas a empregadas de lojas e domésticas. Ainda segundo os autores acima citados, isso ocorria devido ao fato que “os postos profissionais eram reservados aos homens, com as mulheres permanecendo em empregos estereotipados como professoras e enfermeiras” (DIVINE ET AL, 1992, p.552). Ainda assim, em 1930, segundo Cott,

de acordo com o recenseamento dos Estados Unidos, após uma década em que a percentagem duplicara, eram ainda menos de 12% as mulheres casadas americanas que trabalhavam por um salário fora de casa. Entre as mulheres empregadas, no entanto, quase metade eram casadas, divorciadas, viúvas ou separadas, tendo por isso, provavelmente, para além do emprego, a responsabilidade da casa e dos filhos. (COTT, 1995, p.104)

Pode-se perceber que apesar de um pequeno avanço no que diz respeito à mulher trabalhar fora de casa, os empregos a elas destinados ainda eram muito seletos e fortemente influenciáveis pela questão do gênero. E que segundo Luedtke, “uma mulher branca de classe média que desejasse trabalhar era uma anomalia, pois sua ação transgredia tanto o seu *status* social como as atitudes da cultura dominante” (LUEDTKE, [19--], p.277).

Não era só na área do trabalho que as mulheres tentavam ganhar espaço. Pois segundo Divine et al.,

as jovens mulheres concentraram-se na auto-expressão individual, rebelando-se contra as restrições vitorianas. (...) As *flappers*¹¹ saíram para competir em igualdade de condições nos campos de golfe e nos bares. Chocando os mais velhos, as *flappers* desafiaram os padrões diferentes no sexo, exigindo que a igualdade com os homens também incluísse a satisfação sexual antes e durante o casamento [grifo do autor]. (DIVINE ET AL, 1992, p. 552)

Essa emancipação feminina foi facilitada por uma queda na taxa de nascimentos e pela abundância de bens de consumo. Mas essas mudanças sociais relacionadas às mulheres não transformaram de repente a posição delas na sociedade, pois como escreve Divine et al., “apesar da conversa da ‘nova mulher’, os papéis tradicionais dos sexos continuaram inalterados. Como um historiador concluiu, ‘na década de 1920, como na de 1790, o casamento era o único estado aprovado para a mulher’” (DIVINE ET AL, 1992, p. 552).

Com a queda da Bolsa de Valores e suas conseqüências na década de 1930, a situação das mulheres no campo do trabalho piorou, pois como os homens eram considerados os provedores principais, as mulheres eram as primeiras a serem despedidas. Mesmo assim, elas continuaram a procurar empregos, uma vez que, com a Depressão, passaram a colaborar mais na economia do lar. Segundo Purdy,

as mulheres padeceram não somente pelas condições econômicas ruins, mas também vítimas dos estereótipos sexuais ligados a seu papel social. Nas fábricas, muitas perderam trabalho para os homens, aos quais foi dada prioridade nas poucas vagas existentes. Mesmo assim, em 1939, 25% mais mulheres estavam trabalhando do que em 1930, primariamente porque tinham que contribuir com a economia familiar e também porque os empregos femininos – professoras, funcionárias de lojas e secretárias – foram menos abalados pela Depressão do que os da indústria pesada. (PURDY, 2007, p. 208)

Apesar dessa imagem da “nova mulher” e do problema econômico que obrigava esposas, viúvas e filhas a procurar trabalho fora de casa, as tradições mantinham-se fortes nessa sociedade do Sul. Como já visto anteriormente, estava ocorrendo uma tentativa de restaurar a “pureza perdida dos valores americanos”. Pode-se perceber também, no trecho abaixo de uma carta de Mitchell que, embora estivessem ocorrendo diversas mudanças sociais, principalmente no que se refere às mulheres, velhos costumes ainda permaneciam – pelo menos entre a elite. Segundo pesquisa de Freer, Margaret escreveu:

¹¹ Eram moças, assim chamadas, pois cortavam o cabelo curto caído como envelope semi-aberto. Além disso, usavam as saias acima do joelho e prendiam os seios. (DIVINE ET AL, 1992, p. 552)

Helen acaba de telefonar, ansiosa em ir comigo, mas querendo saber sobre acompanhantes. (...) Não podemos ir se não tivermos 'companhia'. Eu jamais desejei tanto ir a qualquer outro lugar em minha vida. Por isso, por favor, peça ao Sr. Smith para convidar alguma velha decorosa para nos fazer companhia [à Margaret e sua amiga Helen]. Se conseguir arrumar alguém, meu caro, partiremos às cinco horas da manhã de segunda-feira. (FREER, 1996, p. 52)

Pode-se perceber que, ainda na época de Mitchell, as mulheres, pelo menos as brancas pertencentes à elite ou à classe média, ainda precisavam se preocupar em sair acompanhadas de senhoras mais velhas. Outra semelhança entre as duas épocas é que, em ambas, os homens acreditavam que o lugar das mulheres era em casa, cuidando do lar e dos filhos, mesmo que devido à Grande Depressão elas tivessem que procurar trabalho fora.

III – MITCHELL E A LITERATURA DE SEU TEMPO

A vida de Margaret Mitchell e a literatura que estava sendo produzida nos Estados Unidos na época de publicação da sua obra

Margaret Mitchell nasceu em Atlanta, Geórgia, em 1900. Sua mãe, Mary Isabelle “Maybelle” Stephens, era descendente de irlandês-católicos. Ela era também de uma família tradicional “cujas raízes iam até Benjamin Franklin; era também uma Baldwin, um nome respeitado na história sulista” (FREER, 1996, p. 26). Seu pai, Eugene Muse Mitchell, um procurador de Atlanta, descendia de escocês-irlandeses e huguenotes franceses. Portanto, ela era uma sulista, católica e branca de uma família tradicional, numa sociedade racista e carregada de fortes tradições. Sua família era composta de muitos soldados que lutaram na Revolução Americana, nos levantes e rebeliões irlandesas e na Guerra Civil. Quando criança, Margaret ouvia histórias desta Guerra de seus pais e tios, e mais tarde de confederados veteranos que alegravam a moça com narrativas de campo de batalha (ABOUT, [199-?]).

Em 1912, a futura autora mudou-se com a família para a Peachtree Street, onde conheceu dois de seus melhores amigos, Courtenay Ross e Henry Love Angel. Este último tornou-se mais tarde um de seus pretendentes. Margaret e sua amiga ingressaram em muitos clubes na escola, como por exemplo: o Clube de Arte Dramática, o Clube Preparatório da Universidade, a Sociedade de Primeiros Socorros e a Sociedade Literária. Mitchell gostava de escrever desde cedo. Segundo Freer, “entre 1912 e 1916, Margaret começou a escrever e produzir peças de teatro. Essas produções eram estreladas por Margaret e seus amigos, e em geral encenada na casa nova da família. Courtenay, Henry e o resto da turma às vezes preenchiam os papéis como atores” (FREER, 1996, p. 20).

Em janeiro de 1917, Atlanta foi escolhida para ser um acampamento militar e, em abril, os Estados Unidos declararam guerra à Alemanha. Em maio deste mesmo ano, houve um incêndio que destruiu 120 hectares da cidade e dez mil pessoas ficaram desabrigadas, “e Atlanta mais uma vez ficou sob lei marcial. Margaret e a mãe ajudaram e confortaram as vítimas do desastre” (FREER, 1996, p.24). Com sua amiga Courtenay, participou da campanha da Cruz Vermelha para ajudar no esforço de guerra.

No ano seguinte, em 1918, Mitchell deixou Atlanta e entrou para a Universidade, o Smith College, em Northampton. Em janeiro de 1919, Maybelle morreu de gripe espanhola, o que levou Margaret a abandonar a Universidade e voltar para Atlanta, junto com seu pai e o irmão mais velho, Stephens. Nos três anos seguintes, Henry, seu pretendente e seus amigos gostavam de passear em um lugar chamado Shadowbrook Farm, que pertencia a um amigo da família Mitchell. Lá, eles também faziam muitas “House Parties”, assim eram conhecidas as estadas por alguns dias, mas “não para damas sulistas sem uma acompanhante” (FREER, 1996, p.30). Isso mostra que, em 1920, as moças, principalmente as que faziam parte da elite e da classe média, ainda tinham que andar acompanhadas por senhoras mais velhas e não podiam ficar a sós na companhia de rapazes.

Margaret se lançou “na sociedade em grande estilo” (FREER, 1996, p.51) na temporada social de 1920 e 1921 de debutantes. Em um baile de caridade patrocinado por debutantes, Mitchell e um estudante de Geórgia Tech, chamado A. S. Weil, “espantaram os espectadores” ao apresentarem um número bastante sugestivo, que terminava com um longo beijo. Ainda mostrando como a sociedade era conservadora naquela época,

as matronas de Atlanta ficaram horrorizadas com a exibição, que custou caro a Margaret naqueles círculos sociais; vários meses mais tarde, ela foi recusada na Junior League de Atlanta, uma organização feminina de trabalho voluntário em obras sociais. (FREER, 1996, p.54)

Além do escândalo da dança, houve outro motivo pelo qual não a aceitaram na League, ela foi a única no grupo de debutantes que escolheu trabalhar nas clínicas negras da cidade (MARGARET, [199-?]).

Na primavera de 1922, Margaret foi para Birmingham, Alabama, e Debra Freer acredita que ela assumiu um emprego voluntário no *The Birmingham News*, onde uma amiga, Augusta Dearborn, trabalhava na página social. Isso porque Mitchell enviou uma carta para Henry, escrita em um papel com o cabeçalho do *The Birmingham News*, na qual há uma passagem onde ela conta que “Augusta trabalha neste jornal e estou encarregada da seção social agora, já que ela viajou” (FREER, 1996, p. 64). Ainda neste ano, em 2 de setembro de 1922, Margaret Mitchell se casa com Red Upshaw, mas seu rendimento irregular obrigou-a a procurar trabalho. Com um salário de 25 dólares por semana ela conseguiu emprego como escritora no *The*

Atlanta Journal Sunday Magazine, onde John R. Marsh foi seu editor e mentor (ABOUT, [199-?]). Mas o casamento não durou muito. Em outubro de 1924, ela obteve a sentença final de divórcio e, em menos de um ano, casou-se com Marsh, em 4 de julho de 1925.

Apenas alguns meses após seu casamento com John, Margaret deixou o emprego para convalescer de sua artrite no tornozelo e no pé. Foi durante este período, 1926, que ela começou a escrever seu romance *...e o Vento Levou*, publicado em 1936 e adaptado para o cinema em 1939. Em 11 de agosto de 1949, Margaret Mitchell foi atropelada por um carro ao atravessar a Peachtree Street, e morreu cinco dias depois.

Na introdução do seu livro, onde edita as cartas da autora para vários correspondentes, Richard Harwell comenta que: “como um membro da Geração Perdida produzida pela Primeira Guerra Mundial, Margaret Mitchell ostentou sua independência e liberdade em jeitos que chocaram os mais velhos, ambos durante sua temporada como debutante e mais tarde como repórter”¹². Demonstrando que a autora não se encaixava nos padrões da sua época.

A primeira aproximação entre a autora e suas personagens é o fato delas serem mulheres e sulistas. Pode-se perceber também que a rua onde a autora morou e conheceu seus melhores amigos, Peachtree Street, é também a rua onde mora Melanie e posteriormente Scarlett. Algumas das experiências da autora são também visíveis no seu livro, como quando Atlanta pegou fogo e ela e sua mãe ajudaram as pessoas que foram atingidas e também quando a cidade foi escolhida para abrigar um acampamento militar, e em seguida, Mitchell e sua amiga participaram da Cruz Vermelha. Vê-se uma cena parecida na obra quando, Scarlett e Melanie ajudam a cuidar de doentes e feridos em diversos hospitais da cidade e, posteriormente, os exércitos confederados deixam à cidade e colocam fogo em toda munição que ainda resta.

Margaret, depois de casada, foi obrigada a procurar trabalho para ajudar nas contas, não sendo isso o comum; já sua personagem, Scarlett, também trabalhou, mesmo não precisando, o que prejudicou sua imagem na sociedade tradicional.

¹² Tradução livre da autora : “As a member of the Lost Generation produced by World War I, Margaret Mitchell flaunted her independence and freedom in ways that shocked her elders, both during her season as a debutante and later as a reporter”. (HARWELL, 1976, p. XXXII)

A partir de agora serão abordadas as temáticas que foram produzidas nas décadas de 1920 e 1930 e em qual delas o livro *...e o Vento Levou* se insere. Também que outros romances foram publicados no mesmo período e sobre o que tratavam.

Durante a década de 1920, o grande avanço cultural foi a produção literária. A cidade fez nascer um novo tipo de intelectual, ou seja, os escritores que comentavam a nova sociedade industrial. Muitos estavam maravilhados com as rápidas mudanças dos padrões sociais da década e horrorizados com o materialismo da cultura americana (DIVINE ET AL, 1992, p. 554). Alguns foram para a Europa viver como exilados¹³, outros ficaram no país¹⁴, observando e condenando os excessos de uma civilização de negócios. Partilhavam de um sentimento de desilusão e escreveram de forma pessimista as promessas falsas da vida americana. Segundo Divine et al., “ironicamente, o conjunto de seus escritos revelava uma profunda criatividade a sugerir que a América estava chegando à maturidade intelectual” (DIVINE ET AL, 1992, p.554). Mas embora altamente críticos, os escritores pouco se interessavam por política ou reforma social.

A década em que a autora publicou seu romance, os anos 1930, foi a época da novela *best-seller* de imenso sucesso¹⁵, mesmo sendo também a década da depressão econômica. Segundo Thorp, “tendo poucas diversões baratas, o povo ficava em casa e lia romances escritos para dar ao comprador muitas páginas pelo seu dinheiro” (THORP, 1965, p.121). Algumas dessas obras são: *The Good Earth* (1931), de Pearl Buck; *Anthony Adverse* (1933), de Hervey Allen; ***Gone with the Wind* (1936), de Margaret Mitchell**; *The Grapes of Wrath* (1939), de John Steinbeck e as seis novelas policiais de Erle Stanley Gardner publicadas entre 1933 e 1938. Segundo o mesmo autor citado acima, “a maior parte dessas novelas é fraca, mas o

¹³ Entre os exilados estavam o poeta T. S. Eliot e o romancista Ernest Hemingway. No poema *The waste land* (1922), Eliot evocou imagens de fragmentação e esterilidade; com *The hollow men* (1925), ele chegou às profundezas do desespero com uma descrição mordaz do vazio do homem moderno. Hemingway escreveu sobre os homens alienados da sociedade que encontravam um sentido de identidade na procura da coragem e na busca da honra pessoal. (DIVINE ET AL, 1992, p. 554)

¹⁴ Entre eles, F. Scott Fitzgerald e Sinclair Lewis. O primeiro fez a crônica da alta sociedade americana em *The great Gatsby* (1925), enfatizando o vazio e a falta do contato humano. O segundo, com *Main Street* (1920), satiriza os valores das pequenas cidades como chatos, complacentes e de visão estreita, enquanto *Babbit* (1922) ironiza o comercialismo da década de 1920. (DIVINE ET AL 1992, p. 554)

¹⁵ Quer dizer com uma vendagem de mais de um milhão de exemplares.

que é surpreendente é que uma boa parte delas é escrita por nossos melhores autores” (THORP, 1965, p.122).

No período de 1920 e 1930, diversos temas atraíram os romancistas, tais como: romances regionais, sobre a Primeira Guerra Mundial, as gerações, temas sociais (um interesse pela situação, a classe e a mobilidade social e, frequentemente, o efeito da depressão econômica sobre esses fenômenos). Na descrição de Divine et al. sobre romances regionais, poderia se inserir a obra de Mitchell, pois, para eles, “as escritoras eram particularmente eficientes no trato dos temas regionais. Edith Wharton continuava a escrever de forma penetrante sobre os aristocratas do Leste, enquanto Willa Cather e Ellen Glasgow focalizavam o sofrimento das mulheres no Meio Oeste e no Sul” (DIVINE ET AL, 1992, p. 555). Já Heinrich Straumann a enquadra no que ele chamou de “ficção de uma época”. Ele caracteriza esse tipo de romance a partir da opinião de que

os historiadores de idéias deram uma valiosa contribuição ao pensamento americano, ao passo que não se pode afirmar que os “romancistas de uma época” (period novelists) consigam alcançar mais do que um sucesso efêmero. Seu caso é talvez mais para os sociólogos que para os críticos literários, pois o tremendo sucesso comercial desse tipo de romance parece estar em proporção quase exatamente inversa ao acolhimento da crítica. E quem poderia duvidar que o sucesso é a melhor prova do profundo desejo do público de construir um mito americano? Se considerarmos o fato de que na ficção americana a maioria dos “best-sellers” dos últimos vinte anos têm sido romances de época, não se poderá negar o impacto dessa espécie de literatura sobre o público. Por outro lado, uma vista d’olhos sobre o desenvolvimento desse estranho fenômeno confirma a suspeita de que é em geral uma espécie sub-literária, mas da qual milhões de leitores tiram um conhecimento mais vasto, embora não muito correto, do passado. Pois o passado é paciente, e pode-se fazer o que se quer. Especialmente apresentá-lo de um modo que crie uma válvula de escape para a nostalgia daqueles que estão insatisfeitos com o presente. Tudo que o homem moderno perde em aventura e ideal, em cavalheirismo ou em romance, pode ser projetado no passado. E se no processo for ligado a um método de psicologia moderna suficientemente plausível, o sucesso estará assegurado. (STRAUMANN, [19--], p. 58-59)

Para Straumann “sucesso efêmero” é aquele sucesso que o romance teve na época de sua publicação, mas que nos dias de hoje não é lembrado e, algumas vezes, nem conhecido. Um exemplo disso é o romance *Richard Carvel* (1899), de Winston Churchill que, segundo o autor, “teve quase um milhão de exemplares vendidos, e mesmo assim a geração atual pouco conhece a respeito do livro ou de seu autor” (STRAUMANN, [19--], p.59). Pode-se notar no livro de Mitchell características como: o sucesso comercial, a utilização do passado (Guerra de Secessão e Reconstrução

como contexto da obra) e a projeção do cavalheirismo, logo, também da dama (nas figuras de Melanie e de seu marido Ashley). Publicado logo após a Grande Depressão a obra pode ter sido apresentada, como o autor escreve, “de um modo que crie uma válvula de escape para a nostalgia daqueles que estão insatisfeitos com o presente”.

Straumann, assim como Thorp, vai considerar a obra de Margaret como uma “sub-literatura” – Thorp chamou-a de “novela fraca” –, mas não negam seu sucesso. Afinal ...e o *Vento Levou* teve um enorme sucesso comercial, pois alcançou em menos de dois anos a tiragem de quase dois milhões de exemplares (BARBOSA, 1948, p. 398). Mas, apesar disso, o livro não parece ter tido um sucesso tão efêmero, pois, em 1991, foi lançada nos Estados Unidos uma continuação para a obra, intitulada “Scarlett”, escrito por Alexandra Ripley e, em novembro de 2007, foi lançado “O Clã de Rhett Butler” do escritor Donald McCaig, que trata da infância e do ponto de vista de Rhett Butler sobre a história e abrange o período de 1843 à 1874.

Romances históricos já eram escritos na região sul desde o século XIX¹⁶, mas retratavam o Sul colonial ainda selvagem em grande parte e não as fazendas e a escravidão. Este só se tornou tema quando o quadro do Sul escravocrata e agrícola “caiu como um bloco inteiro”. Então, “na ficção americana, os quadros do *Old South* multiplicaram-se, regados pelo interesse do público, romantizando figuras características daquela civilização. Para agradar aos apreciadores de ficção do século dezenove, os personagens deviam pertencer às elites sociais” (NABUCO, 1967, p. 66). Alguns desses escritores, que escreveram sobre o período anterior à Guerra, foram: Thomas Nelson Page com os romances *Two Little Confederates* (1888) e *Red Rock* (1898); e George Washington Cable com o romance *The Grandissimes* (1880). O primeiro romance publicado sobre a Guerra foi *Miss Ravenel's Conversion* (1867) de John M. de Forest. Segundo Nabuco

bastante posterior à onda dessas novelas o romance sobre o mesmo assunto, *Gone With The Wind*, de Margaret Mitchell, seria o *best-seller* por excelência do segundo quartel do século vinte. Ao quadro dos dias de guerra, Margaret Mitchell (1900-49), acrescentou o período imediato do após-guerra (...) este epílogo doloroso e humilhante que pouco se explora

¹⁶ Alguns exemplos: *The Yemassee* (1835), de William Gilmore Simms que tomou como cenário a Carolina do Sul; *The Cavaliers of Virginia* (1835), de W.A.Caruthers; e *Nick of the Woods* (1837), de Montgomery Bird, localizado na fronteira da Virginia com o Kentucky.

antes de *Gone With The Wind* trouxe uma nova nota de grande ressonância. (NABUCO, 1967, p. 70)

Pode-se perceber que o tema da Guerra de Secessão era matéria para romances desde o século XIX, logo após o seu término. Mitchell, portanto, não escreveu sobre um assunto inovador, mas acrescentou a ele elementos do período posterior – a Reconstrução – que até aquele momento tinha sido pouco abordado.

O romance escrito por Margaret Mitchell não era altamente crítico, como os escritos por outros autores, mas pode-se perceber uma crítica – que será analisada mais adiante – no que se refere aos valores tradicionais que ainda permaneciam na sociedade sulista na época da autora. Quanto ao seu estilo, ele pode ser inserido em mais de um: regionalista, pois trata da região Sul, especificamente do estado da Geórgia; “ficção de uma época” como o definiu Straumann. Apesar de ser considerado pela crítica literária um romance “fraco” e nostálgico, não se pode dizer que seu sucesso é efêmero, pois, como mostrado acima, a obra continua gerando novas produções, como *Scarlett* e *O Clã de Rhett Butler*. A adaptação cinematográfica, que também foi um êxito, foi outro fator que contribuiu para que o próprio livro não caísse no esquecimento. A Editora Record, em 2012, lançou uma reedição do livro com nova tradução de Marilene Tombini.

IV – ...E O VENTO LEVOU

Um breve resumo do livro e suas principais personagens femininas

O livro *...e o Vento Levou* inicia apresentando sua personagem principal, Scarlett O'Hara, com 16 anos e apaixonada por seu vizinho, Ashley Wilkes, dias antes do começo da Guerra de Secessão. Seu verdadeiro amor, entretanto, é Rhett Butler, o que ela apenas irá perceber no final da obra. Durante a Guerra, a heroína vai morar em Atlanta, com sua cunhada Melanie Hamilton e uma tia desta; Scarlett se casa com Charles Hamilton no mesmo dia que a irmã deste contrai matrimônio com Ashley. A partir de então, começam as duras provações que a jovem terá que passar. Após o parto da cunhada, o qual ela teve que fazer, pois os médicos estavam ocupados cuidando dos feridos na guerra, decide voltar para a propriedade rural da família, totalmente destruída durante a Guerra, tendo que assumir o seu comando, pois sua mãe morreu e seu pai enlouqueceu. Scarlett jura para si mesma que nunca mais passará fome, mesmo que para isso tenha que mentir e matar. Casa-se com o pretendente da irmã – seu primeiro marido havia falecido no conflito –, Frank Kennedy, para pagar os impostos da fazenda. Volta para Atlanta e encarrega-se da madeireira de seu marido, propondo uma sociedade para Ashley, que, pressionado por Scarlett e Melanie, aceita. Fica viúva novamente e então, finalmente, irá casar-se com Rhett Butler, não por amor, mas por dinheiro, que este ganhou durante a Guerra “furando” o bloqueio imposto pelos estados do Norte. O casamento é tumultuado e, quando após a morte de Melanie, Scarlett percebe que não ama de verdade Ashley e sim seu atual marido Rhett, é tarde demais. Ele vai embora deixando-a sozinha, mesmo depois de ouvir a declaração de amor da esposa. Suas atitudes – roubar, mentir – ao longo do livro não condizem com as condutas de uma dama sulista, abrindo assim a possibilidade da interpretação proposta nesta pesquisa.

4.1. A DAMA MELANIE

Uma análise de como esta personagem foi sendo construída como um arquétipo de dama ao longo da obra

A primeira vez que o leitor fica sabendo que existe uma personagem chamada Melanie (ou Melly, como também é chamada) é quando os gêmeos Tarleton, amigos de Scarlett, contam a esta que seu vizinho Ashley Wilkes, por quem Scarlett é apaixonada, vai casar-se com a prima Melanie Hamilton. Em seguida, há uma breve descrição dela feita pelo pai de Scarlett, Gerald O'Hara: "que coisinha mimosa ela é! Não tem nunca uma palavra para falar de si, é como as moças todas deviam ser. (...) até seu pai aprovava a finura das suas maneiras [de Melanie]" (MITCHELL, 2000, p.37)¹⁷. Aqui se percebe que Melanie não é como as demais moças, é exemplo para essas. É só mais tarde, no churrasco na casa dos Wilkes, que ela é apresentada e tem-se dela uma descrição mais detalhada:

pequenina e frágil, parecia uma criança. (...) A farta cabeleira, ondulada e escura, (...) terminando em bico-de-viúva sobre a testa, acentuava a forma de coração de seu rosto. Largo demais nas maçãs, como queixo exageradamente pontudo, era um rostinho delicado e meigo, sem beleza e sem artifício feminino que a favorecesse. Melanie mostrava o que verdadeiramente era: simples como a própria terra; boa como o pão; transparente como a água da fonte. Porém, apesar de toda a imperfeição dos traços e da exigüidade de sua postura, havia em seus movimentos uma dignidade tão impressionante que fazia esquecer os seus dezessete anos. (p.102)

Pode-se perceber que Melanie é boa e nenhuma provação, como as dificuldades da Guerra, a fará mudar essa sua característica, como se verá a seguir.

Mesmo se todas as outras senhoras criticam alguém, se Melanie acreditar que nesta pessoa existe algo de bom, ela irá defendê-la, apesar de todos. Scarlett tinha consciência disso, pois, durante a Guerra, quando Rhett¹⁸ lhe fazia visitas, ela sabia "a maledicência da cidade a respeito dessas visitas e dela própria, mas sabia também que, aos olhos de Atlanta, Melanie Wilkes era inatacável. Se Melanie defendia Rhett, as visitas que lhe fazia estavam acima de comentários infamantes" (p. 230). Até mesmo Butler, considerado por todos um canalha, tinha a Sra. Wilkes no mais alto apreço, pois segundo ele: "ela é uma das poucas criaturas absolutamente sinceras e desinteressadas que tenho conhecido. (...) Além do mais,

¹⁷ Até o final deste capítulo todas as citações feitas são referentes a mesma obra.

¹⁸ Rhett não era bem visto pela sociedade, pois, além de não estar no exército, se aproveitava da situação de guerra, furando o bloqueio.

apesar da sua pouca idade, é uma das raras grandes damas que me tem sido dado conhecer” (p.215-216) e irá repetir isso ao longo da obra.

Segundo ensinamentos de Ellen O’Hara¹⁹: “Seja firme, porém delicada, com os inferiores; especialmente com os escravos’. (...) ‘Ame e queira bem às suas irmãs! Seja bondosa com os que sofrem,’ dizia Ellen. ‘Mostre compaixão pelos doentes e pelos aflitos” (p.413). Apesar desses conselhos serem destinados a Scarlett, pode-se perceber que Melanie os pratica. Não se vê, em nenhum momento, ela ser indelicada com alguém, a não ser para defender algo que acredita ser injusto ou desleal a alguém²⁰. Durante o conflito, e enquanto esteve em Atlanta, Melly, assim como a maioria das mulheres da cidade, passava suas manhãs e tardes no hospital a cuidar dos doentes e, mais tarde, terminada a Guerra, e novamente em Atlanta, ela dava abrigo, roupas e comida a pessoas sem rumo na rua, em sua maioria ex-combatentes que iam de cidade em cidade a procura de emprego.

O tempo que passou em Tara foi um período difícil, recém se recuperando do parto de seu filho, Beau, Melly ajudou e trabalhou como todos na casa estavam fazendo. Mas, apesar desses esforços e da fome, Melanie continuou a mesma: “nem a guerra, nem o sofrimento constante, nem o trabalho pesado haviam conseguido alterar-lhe a suavidade adorável. Eram olhos de pessoa feliz a quem as mais rudes tormentas não transformariam jamais a tranqüilidade da alma serena” (p.682). Rhett explicou certa vez a Scarlett que “não é a beleza que faz a grande dama. Nem os vestidos” (p.790), mas as atitudes e “o que Melanie punha em prática era apenas o que se ensinava a todas as moças meridionais: procurar que todos se sentissem bem ao redor dela e satisfeitos consigo mesmos” (p.153), por isso era considerada uma verdadeira dama.

Quando Ashley aceita a proposta de Scarlett, para dirigir uma das serrarias que ela havia comprado, o casal Wilkes muda-se novamente para Atlanta, onde Melanie é recebida pelas mulheres com muita saudade:

as amigas da mãe a procuravam, sentindo-se bem perto dela pela respeitosa deferência com que as tratava, o que agora era raro, pois os

¹⁹ Ellen, mãe de Scarlett, era considerada, por todos seus vizinhos, uma grande dama, assim como Melanie.

²⁰ Quando por exemplo India Wilkes, irmã de Ashley, conta a Melanie a cena que viu de Scarlett e seu irmão se abraçando. Melly, além de não acreditar na cunhada, protege Scarlett da sociedade e repreende com severidade as amigas que escuta falarem mal da cunhada predileta.

costumes tinham mudado, e a gente jovem se esquecera das lições recebidas no berço. As moças da sua idade, esposas, mães ou viúvas, amavam-na porque também havia sofrido e não se tornara áspera e amarga.” (...) Assim, ia se formando, ao redor da figurinha delicada recatada de Melanie, um grupo que se alargava, representando o que ficara de mais fino da sociedade anterior à guerra de Atlanta, todos sem um níquel mas orgulhosos das suas estirpes. Espalhados e arruinados pela guerra, sangrados pelas mortes, desorientados pela mudança radical a que não se aclimatavam, encontraram nela o núcleo favorável à sua reconstrução social.

Melanie, conquanto moça, reunia as qualidades que eles mais prezavam: dignidade na pobreza, coragem sem lamúrias, alegria, hospitalidade, bondade e, acima de tudo, fidelidade absoluta às antigas tradições, no mundo que mudara tanto. Sob o teto de Melanie era como se os dias passados continuassem sem alteração. (p.682)

Pode-se perceber que Melly possuía ainda, mesmo depois de tudo que passou, as mesmas qualidades e características necessárias a uma grande dama. Por esse motivo, todos a queriam bem e a respeitavam, sempre prontos a ouvir os seus conselhos.

Portanto, desde o início do livro, quando Melanie é apresentada nota-se que ela é mais distinta que as demais moças. Ao longo da obra, as características que fazem dela uma grande dama vão sendo ressaltadas cada vez mais: hospitalidade, bondade, sinceridade. Sobretudo, apesar da guerra, dos trabalhos árduos, da fome e das dificuldades ela não mudou, continuou tendo atitudes dignas de uma senhora sulista.

4.2. A ANTI-DAMA SCARLETT

Uma análise de como esta personagem se distancia das características de uma dama na obra

Scarlett O'Hara, apesar de ter sido educada para ser uma dama sulista, não conseguiu seguir as “regras” impostas por sua mãe e pela ama seca²¹, distanciando-se assim dos ensinamentos maternos e tornando-se o que chamou-se aqui de “anti-dama”.

Scarlett é a primeira personagem do livro a aparecer e ser descrita. Ela é apresentada como uma moça nos seus dezesseis anos, que “não era bela; os homens, porém, só o notavam quando já subjugados pelo seu encanto” (p.9). Um

²¹ Sua “mãe preta” era a ama-seca negra, também chamada de “bá”, que havia cuidado, anteriormente de Ellen, mãe de Scarlett, e agora cuidava das filhas desta: Scarlett, Suellen e Carreen.

pouco mais adiante já se nota que ela não tinha uma personalidade dócil como Melanie – apresentada no subcapítulo anterior – pois

sua verdadeira personalidade se traía. Aqueles olhos verdes, apesar da meiguice que o rosto aparentava, eram travessos, voluntariosos e petulantes. Em completo desacordo com a atitude ingênua. Suas recatadas maneiras lhe haviam sido impostas pelas suaves repreensões maternas e a severa disciplina a que sua mãe preta a submetia. (p.9)

Nessa passagem também se percebe que, além da personalidade forte, suas maneiras lhe foram impostas e não ensinadas. Pois, “embora [a bá] lutasse sem tréguas para incutir-lhe [em Scarlett] maneiras finas, sua natureza era vulgar” (p.79). Porém, apesar da rígida disciplina infligida a Scarlett, seu caráter se faz notar algumas vezes, como se pode ver nesta passagem onde um jovem fala a seu irmão: “quando Scarlett se enraivece, logo se vê. Ela não se contém, nem dissimula, como as moças costumam fazer” (p.17). Nessa comparação com outras moças, nota-se que Scarlett não age como as demais. Há uma passagem onde fica claro que ela não é como as demais moças. Ela está no quarto pedindo à ama-seca, que lhe aperte mais o espartilho, e esta lhe diz:

sempre que eu aperto sinhá Suellen pra menos de cinqüenta centímetros, ela perde os sentidos. (...) Scarlett arquejante. – Eu nunca desmaiei em minha vida. (...) – Inté era bom que ossuncê desmaia uma vez por outra – advertiu a mucama – Ocê, às vez parece home, sinhazinha; nem tem medo de cobra, nem de rato, nem dos oto bicho. Dentro de casa não faz má, mas quando tem gente... (p.81)²²

Aqui se percebe que a “bá” não se importa se sua ama “parece home”, mas que ela demonstre essas características quando tem outras pessoas por perto, que não sejam de casa.

Nesta mesma conversa Scarlett mostra que não lhe agrada muito os costumes e “regras” impostas às mulheres:

- Quisera Deus que eu já fosse casada! (...) – Já não posso mais com esse constante constrangimento de não fazer nada que me agrada. Estou cansada de fingir que me alimento como um passarinho; de andar devagar, quando a minha vontade é correr; de insinuar que quase perco os sentidos depois de cada valsa, quando poderia dançar dois dias seguidos sem me sentir cansada. Estou farta de dizer: “Você é extraordinário!” a uns idiotas

²² Escrita chamada pela autora de “dialeto dos negros”, na carta que escreveu à tradutora brasileira Francisca Cordeiro. (p. 7.)

que têm muito menos juízo do que eu; cansada de fingir ignorância, para que rapazes se sintam cheios de si, e me ensinem o que já sei a muito tempo. (...) – Por que razão há de uma rapariga tornar-se hipócrita, para arranjar um marido? (p.82)

Apesar de dizer que está “cansada” e “farta” de seguir estes costumes e fingir sentimentos que não sente ou coisas que não pensa, ela vai continuar a fazê-lo, pois, ainda não tem coragem suficiente para enfrentar a todos e principalmente à sua mãe – de quem muito desejaria ser igual.

No churrasco dos Wilkes, o mesmo onde Melanie aparece pela primeira vez, Scarlett decide declarar seu amor por Ashley, certa de que ele irá assim desistir do casamento com a prima e casar-se com ela. Após revelar seu amor para Ashley e não ser correspondida como esperava, ela lhe dá um tapa na cara e ele se retira da biblioteca. Pensando estar sozinha Scarlett, se surpreende ao perceber que havia mais alguém no aposento, era Rhett Butler. Ela diz que ele deveria ter se apresentado e continua:

- O senhor não é um cavalheiro!
- (...) e como a senhorita também não é uma ‘senhora’ (...) ninguém tem o direito de considerar-se uma senhora, depois do que a ouvi dizer e fazer. Mas nunca as senhoras exerceram muita influência em meu espírito. Sei perfeitamente tudo o que pensam; mas nunca têm a coragem ou a falta de educação suficientes para externarem o que muita vez é... enfadonho. Mas com você srta.O’Hara, com você é diferente! Acho-a uma mulher de espírito. (p.119)

Pode-se perceber que Scarlett é diferente, das “senhoras” – ou damas –, que não falam o que realmente pensam, mas ela não é assim. No entanto, esse fato ainda não lhe havia causado problemas.

Inicia-se então a Guerra, Scarlett casa-se com o irmão de Melanie, Charles Hamilton, e menos de três meses após seu casamento torna-se viúva, pois o rapaz morre de pneumonia. Depois de passar um tempo na fazenda da família, chamada Tara, vai morar em Atlanta com a cunhada e a tia desta. E então, pela primeira vez, escandaliza a sociedade e quebra uma de suas regras quando, não fazendo nem um ano que seu marido morrera, aceita dançar num baile²³. A partir de então, suas

²³ Nesta noite, foi sugerido que os rapazes fizessem lances, como num leilão, para dançar com a moça de seu agrado. A moça que conseguisse a maior quantia conduziria a dança, Rhett Butler então, grita que pagaria cento e cinquenta dólares em ouro pela Sra. Charles Hamilton, ou seja, Scarlett.

atitudes a afastam cada vez mais de ser uma dama, como mostra esta passagem do livro:

não percebeu que seus conselhos [de Rhett] a iam afastando, cada dia mais, dos ensinamentos de Ellen. A mudança se operava tão gradualmente que o abandono de um pequeno preconceito parecia não ter relação alguma com o abandono de outro. Não percebia que tudo se ligava a Rhett, que, encorajada por ele, abandonara as mais severas injunções maternas relativas ao senso de conveniência, e esquecera a severidade das regras de comportar-se como uma senhora. (p.239)

Mas, como já foi citado, sua natureza era vulgar. Não foi somente por Rhett que ela se transformou, apesar de seu relacionamento com ele ajudar-lhe a se livrar dos preconceitos que possuía. Durante a Guerra, os deslizos de Scarlett, como dançar ainda estando de luto ou receber visitas masculinas, não haviam sido tão horríveis a ponto de romper laços, pois “os antigos costumes haviam sofrido uma reviravolta” (p.127) e certas coisas se podia tolerar, uma vez que a guerra havia exercido certas transformações na sociedade sulista.

Depois do parto do filho de Melanie, Scarlett deixa Atlanta, que estava sendo invadida pelo exército inimigo, e resolve ir para Tara, levando a cunhada e o recém-nascido junto. Chegando lá, encontra a mãe morta, as irmãs enfermas, o pai louco, apenas três escravos que não fugiram e a casa, que apesar de não ter sido incendiada como as demais, fora quase totalmente roubada. Com a plantação destruída, o algodão queimado, as hortas e os animais roubados não havia o que comer, pois o dinheiro confederado já não valia mais nada. Scarlett, então, assume o comando da casa e faz todos trabalharem para terem o que comer e vestir. Quando chega à casa e descobre todas essas dificuldades, em vez de ficar se lamentando ou sentir-se derrotada pensa: “não pensarei nem em mamãe, nem em nenhuma dessas desgraças agora. Não as posso suportar ainda. Há muitas outras coisas mais prementes a decidir... Coisas que posso remediar, sem que me ponha a pensar nas que não tem remédio” (p.404). Esse senso prático irá acompanhá-la sempre e daí surgirá sua famosa frase: “Amanhã eu penso nisso. Amanhã é outro dia.”.

É durante esse período que Scarlett tomará uma importante resolução, a de nunca olhar para trás, para o passado, pois para ela “não havia como retroceder. E ela caminharia para a frente” (p.409). Faz então um juramento:

Juro por Deus, juro que os ianques não me abaterão. Hei de atravessar tudo isso e, quando tiver passado, nunca mais em minha vida hei de sentir fome! Não. Nem eu, nem os meus. Mesmo que tenha que matar. Tomo a Deus por testemunha, nunca mais passarei fome!. (p.409).

Passando fome, trabalhando na terra, cansada, Scarlett tornava-se cada vez mais dura com todos ao seu redor, como se pode notar na passagem:

ninguém ousava contrariar Scarlett naqueles dias. Todos receavam ouvir-lhe as palavras ásperas. Todos tinham medo da nova personalidade que ela assumia. (...) Ela própria se admirava de como havia perdido toda a fina educação que recebera do berço. Toda a cortesia. Toda a suavidade que Ellen se esforçara por inocular-lhe desaparecera, com a rapidez com que caem as folhas secas, ao primeiro vento ríspido do outono. (p. 412-413)

Ao mesmo tempo, ela própria endurecia cada vez mais, pois a “camada de dureza, que começara a envolvê-la desde que se deixara ficar deitada no chão do terreiro dos escravos em Twelve Oaks²⁴, se tornava pouco a pouco mais espessa” (p.425).

Quando a Guerra termina e começa o período denominado Reconstrução, os impostos sobre Tara aumentam. Não tendo muito dinheiro e com pouco algodão para vender, Scarlett vai a Atlanta onde se encontra com Frank Kennedy, pretendente da irmã, que lhe diz estar guardando algum dinheiro para poder casar com Suellen O’Hara. Temerosa de que lhe tirem Tara e que, depois de casada, a irmã não dê o dinheiro para os impostos, Scarlett mente que esta ficou noiva de um vizinho e, aproveitando-se da mágoa de Frank, fica noiva deste e casa-se com ele. Depois de casada e de haver pago os impostos, a então sra. Kennedy vai morar novamente em Atlanta. A partir de então, toda a mudança ocorrida nela durante os árduos meses que passou na fazenda trabalhando e passando fome, é percebida pela sociedade tradicional sulista ainda residente na cidade.

Frank possuía uma loja que vendia artigos diversos, mas não dava muito lucro. Scarlett temerosa de perder Tara, caso os impostos aumentassem e ela não tivesse dinheiro suficiente, e além de também determinada a ser rica e não mais passar fome, pegou dinheiro emprestado de Rhett Butler e comprou uma serraria, que ela mesma iria dirigir. Os meses na fazenda contando cada centavo que

²⁴ Twelve Oaks era a fazenda dos Wilkes, que agora estava queimada. O episódio em questão ocorreu em uma das vezes em que ela lá foi para procurar comida e fez o já citado juramento que jamais passaria fome outra vez.

possuía para poder comprar comida tornaram-na capaz de fazer contas de cabeça. Horrorizado, o sr. Kennedy pensava: “havia algo de pouco distinto no fato de uma mulher saber frações e entender de negócios. Julgava que, mesmo que uma mulher tivesse a infelicidade de entender dessas coisas, devia, como senhora que se prezava, fingir ignorá-las” (p.582). Assim também a julgavam as senhoras de Atlanta, que reprovavam o comportamento de Scarlett. Não era o fato de ela ganhar dinheiro para ajudar a família, mas sim o modo como o fazia, que chocou seu marido e os demais sulistas:

não havia em Atlanta uma só mulher negociante! Se o infortúnio compelia as mulheres a ganhar alguma coisa para ajudar a família nesses tempos difíceis, era de um modo recatado e feminino: fazendo bolos, como a sra. Merriwether, pintando porcelana, cosendo ou tomando hóspedes, como a sra. Elsing e Fanny, abrindo uma escola, como a sra. Meade, ou dando lições de música como a sra. Bonnell. (p.600)

Ou seja, o procedimento de Scarlett para ganhar dinheiro e ajudar nas despesas era muito pouco “feminino” e por isso julgado errado pela sociedade.

Para conseguir o que queria, Scarlett se fazia passar pelo que não era, como pode-se perceber nesta passagem, onde Frank pensa que ela

não era mais a meiga, suave e gentil criatura que tomara por esposa. Suas reações eram agora todas masculinas. (...) A despeito de suas faces rosadas, das covinhas adoráveis e do lindo sorriso, falava e agia como um homem. Sua voz se tornara áspera. Sabia bem o que queria e procurava, para obtê-lo, o caminho mais curto, e nunca os rodeios peculiares às mulheres. (p.602)

O problema, novamente, estava na maneira como agia, pois Frank já havia encontrado algumas mulheres desse gênero:

Atlanta, como todas as cidades do sul, tinha seu grupo de senhoras idosas que ninguém ousava contrariar. Ninguém era mais dominadora que a gorda sra. Merriwether, mais imperiosa que a frágil sra. Elsing, nem mais artificiosa e decidida que a suave sra. Whiting, com seus cabelos grisalhos. Em suas atitudes, mantinham-se, porém, sempre femininas. Acatavam com a maior deferência as opiniões masculinas, mesmo que não as seguissem. Timbravam em ser polidas, parecendo deixar-se dirigir pelos homens, e era o essencial. (p.602)

Por esses motivos, Scarlett era criticada por toda a gente, pois não se deixava aconselhar por ninguém e só fazia o que bem entendia. Frágil e suave não são

adjetivos que se podem lhe atribuir. Scarlett não entendia porque todos a criticavam, ao que Rhett lhe explica: “Tudo quanto fez foi mostrar-se diferente das outras mulheres... e vencer. (...) Scarlett, basta ter sido bem-sucedida com a sua serraria, para ser uma afronta permanente a todos os homens que fracassaram... o lugar de uma senhora bem-sucedida é no seu lar...” (p.636). Para conseguir mais lucros, ela empregou nas serrarias galés²⁵, o que envergonhou toda a família, pois “a vizinhança se exaltou a tal ponto em suas censuras, que Frank, Pitty e Melanie já não tinham coragem para andar de cabeça erguida” (p.707). Além do mais, para ter mais lucro, Scarlett mentia, vendia madeira podre pelo preço de boa, dizia aos clientes que a madeira do concorrente não era boa e assim “ia perdendo cada vez mais a sua honestidade” (p.626).

Scarlett é atacada enquanto voltava de uma vistoria nas serrarias, fazendo com que seu marido, Frank Kennedy, e outros membros da Ku Klux Klan, fossem até o local para vingar-se, mas ele morre, deixando-a viúva pela segunda vez. Nem bem fez um ano que Frank havia morrido e a sra. Kennedy casava-se novamente e, desta vez, com um homem que era tão ou mais odiado que ela, Rhett Butler.

Desde o dia em que abandonara o luto de Charles Hamilton, não havia quem não criticasse Scarlett. A sua situação só piorou quando adotou o procedimento, pouco feminino, de dirigir serrarias, a sua falta de pudor apresentando-se em público durante os meses de gravidez e tantas outras coisas já citadas. Quando, porém, provocou a morte de Frank e de Tommy²⁶ e pôs em perigo a vida de dúzias de outros homens²⁷, “a antipatia se transformou em condenação pública” (p.780). Já Rhett, sempre fora odiado pela cidade, desde as especulações na guerra, e também pelas relações que matinha com os ianques. Mesmo Butler tendo salvado seus maridos no dia em que Frank morreu, arranjando-lhes um álibi – disse que estavam todos na casa de Belle Watling²⁸ – não diminuiu o ódio das senhoras de Atlanta.

²⁵ Presos que o Estado alugava por um preço baixíssimo. Eram mais lucrativos que os negros libertos, pois esses tinha uma associação que os protegia, enquanto que os presos estavam a mercê de quem os empregava.

²⁶ Tommy Wellburn morreu na mesma situação que Frank, quando foram “limpar” o local onde Scarlett havia sido atacada.

²⁷ Pois o exército da União que estava instalado em Atlanta, esperava só um motivo ou mais um ataque da Klan para prender e enforcar seus homens.

²⁸ Belle Watling tinha uma casa noturna e não era bem-vinda em Atlanta. Rhett conseguiu este álibi, pois ela, além de sulista, era sua amiga.

Esse novo casal que se formava não era bem visto pela sociedade e, principalmente, por essas senhoras:

essas criaturas, que sabiam ser admiráveis de dedicação, coragem e bondade durante a adversidade, transformavam-se em fúria implacável quando se tratava de alguém que tivesse infringido uma das leis do seu pequeno código convencional. O código cifrava-se nisso: veneração à Confederação, respeito aos veteranos, fidelidade aos costumes antigos, orgulho da pobreza a que estavam reduzidas, mãos abertas para os amigos e ódio sem tréguas aos ianques. Scarlett e Rhett haviam passado por cima de todas essas leis. (p.780)

Para piorar a situação difícil em que já se encontrava, Scarlett começou a receber em sua casa todo tipo de gente: aventureiros, *carpet-baggers*, ianques. Continuava a dirigir as serrarias, o que não seria mais necessário já que Rhett era suficientemente rico para que não lhe faltasse nada. Com essas atitudes, a nova sra. Butler afastou de si, de uma vez, todas as senhoras de Atlanta (exceto Melanie e tia Pitty) que pararam de ir à sua casa e também não a recebiam nas suas.

Assim, com esse terceiro casamento, Scarlett rompe definitivamente com a sociedade sulista e suas senhoras. Desde o princípio se percebe que ela não concorda com todas as formalidades necessárias para viver na sociedade que estava, todavia se submete a elas. Com a Guerra e as dificuldades, ela começa a quebrar preconceitos e regras, transformando-se assim no que realmente é: uma mulher obstinada, “dura, ávida, inescrupulosa” (p.954), com um “espírito resolvido a tudo” (p.517), ou seja, uma anti-dama.

V – A DAMA E A “ANTI-DAMA”

Uma comparação entre Melanie e Scarlett e qual a temporalidade que cada uma representa

Desde o início do livro percebe-se que Scarlett não gosta e nem concorda com as regras que lhe são impostas pela mãe e pela “bá”. Ao passo que Melanie é um exemplo para as outras moças, como observa Gerald O’Hara. A primeira utilizava-se dessas regras a seu favor, enquanto que a segunda as colocava em prática com naturalidade:

Scarlett exercia o mesmo fascínio que Melanie, porém com uma arte estudada e consumada habilidade. A diferença entre as duas era que em Melanie as palavras afáveis e lisonjeiras partiam do desejo de espalhar uma atmosfera de felicidade, ainda que passageira; enquanto Scarlett nunca as pronunciava, a não ser para tirar algum proveito. (MITCHELL, 2000, p.154)

Quando algum outro personagem fala de ambas, assim como na passagem acima, as compara, colocando-as em lados opostos. Como, por exemplo, quando Ashley, está pedindo à Scarlett que tome conta de sua esposa enquanto ele estiver na Guerra ou se algo lhe acontecer, ele ressalta que: “ela [Melanie] é tão débil e frágil, e você, Scarlett, é tão forte!” (MITCHELL, 2000, p.264). Ou quando Belle Watling vai visitar Melly²⁹ com sua carruagem: “mas a sra. Kennedy [Scarlett]... bem, ela não é da classe da senhora. Ela não tem coração” (MITCHELL, 2000, p.762).

Tanto Scarlett quanto Melanie sofreram as mesmas privações, fome, frio, e tiveram que trabalhar no campo e dentro de casa, coisas que antes da Guerra seriam impensáveis para mulheres da sua classe. A diferença entre elas é que a primeira mudou para se adaptar ao novo mundo e conseguir o que desejava (nunca mais passar fome ou frio). Melanie se conformou com as mudanças e continuou a viver conforme as “regras” de antes da Guerra, assim como as demais senhoras de Atlanta. Scarlett percebe essa mudança, em uma festa para a qual é convidada, enquanto observa os sulistas reconhece que:

²⁹ Belle vai visitar Melanie para impedi-la de ir até a sua casa noturna, depois que esta lhe manda um bilhete, dizendo que ira até lá agradecer-lhe pessoalmente por ter salvado a vida de seu marido. Belle mentiu que o Sr. Wilkes havia estado com suas meninas na noite do ataque da Klan.

ela [Scarlett] havia mudado, mas não como os outros, e isso a impressionava. Sentada a observá-los, sentiu-se estranha entre eles. Estranha e isolada, como se pertencesse a outro mundo e falasse uma língua diferente que eles não compreendiam. Percebeu então que era esse o sentimento que a invadia diante de Ashley. Tanto com ele como com os outros da sua classe... Sentiu que estava fora de alguma coisa que não conseguia entender.

Suas fisionomias pouco haviam mudado. Suas maneiras, tampouco. Mas eram as únicas coisas que ainda lhes restava: uma dignidade sem idade, uma gentileza atemporal, que os acompanhariam ao túmulo, unidas a um infinito amargor, que levariam consigo e que as palavras não saberiam exprimir. Era uma gente de falar suave; altiva e extenuada. Vencida, mas não se reconhecendo como tal. Alquebrada, mas resolvida a manter-se ereta. (...)

Tudo havia mudado, menos as antigas formalidades. Os velhos costumes passavam. Tinham que mudar, porque era tudo quanto lhes ficara. Apegavam-se fortemente às coisas que melhor conheciam e que nos dias passados mais amaram: as maneiras finas, a cortesia, a superficialidade das relações e dos contatos sociais e, acima de tudo, a atitude protetora dos homens em relação ao sexo feminino. Fiéis à tradição em que haviam sido educados, os homens, atenciosos e cavalheirescos, tinham quase conseguido criar um ambiente de defesa da mulher, evitando que lhes chegasse aos olhos e aos ouvidos tudo quanto fosse áspero e grosseiro. (MITCHELL, 2000, p.573)

O mundo que Scarlett conhecia havia mudado. Para ela, as lições de como se comportar, que sua mãe lhe ensinara, não serviam mais para nada. Logo, ela teria que mudar também se quisesse alcançar seus objetivos: se tornar rica para não passar mais fome e não se deixar derrotar pelos ianques. Por esse motivo, se sentia como não pertencendo mais ao grupo que permaneceu fiel às antigas tradições, cavalheiros e damas, que como tal agiam e o eram, que se sentiam orgulhosos na sua pobreza.

Muitas vezes, Scarlett é comparada aos homens, pois havia nela características que não “pertenciam” às mulheres. Como, por exemplo, quando a “bá” comenta que ela não tem medo dos animais que as mulheres normalmente têm. Ou nesta outra passagem: “nela também corria o mesmo sangue impetuoso [de Gerald], perigosamente oculto, mas pulsando violento sob maneiras afáveis e corteses. Todos os homens que conhecia, (...) eram violentos e impetuosos, capazes de matar quando fosse preciso” (MITCHELL, 2000, p.611). Ela mostrou que, quando necessário, era capaz de matar um homem e o fez³⁰.

Melanie e Scarlett são duas personagens antagônicas que possuem, cada qual, valores da mesma sociedade sulista, porém, de épocas diferentes. Através da

³⁰ Fazia poucos dias que havia voltado a Tara, depois de fugir de Atlanta, e um desertor ianque entrou em casa e quis roubar-lhe. Scarlett, então, pegou a arma de Charles e o matou.

narrativa, foi possível que Margaret Mitchell juntasse essas mulheres, tão opostas, em um mesmo “tempo construído”. Melanie, que foi sendo descrita pela autora ao longo da obra como uma “verdadeira dama” representa a tradição sulista antes de ser rompida pela Guerra Civil Americana. Já Scarlett representa os valores que Mitchell observava nas mulheres de seu tempo (anos 1920-30). Isto é, uma mulher que tenta libertar-se das regras ditadas pela sociedade e tradição da época para conseguir aquilo que deseja.

A personagem Scarlett é retratada exatamente assim: uma mulher que para conseguir o que quer transgride todas as normas da tradição sem deixar que nenhum obstáculo a detenha; é corajosa, perseverante e obstinada. Ashley já o sabia quando pensou que ela

aceitaria a vida tal qual se lhe apresentasse, opondo o seu espírito obstinado a quaisquer obstáculos. Combatê-los-ia, com uma resolução que não admitia derrotas e, enquanto fosse necessário, continuaria a luta, mesmo sabendo que seria inevitavelmente vencida. (MITCHELL, 2000, p.522)

É assim a sua atitude. Quando encontra uma dificuldade, como por exemplo, os impostos de Tara, resolve-se a não desistir até que vença ou seja vencida.

Na década de 1920, a zona rural estava tentando “restaurar a pureza perdida dos valores americanos” contra o modernismo e o radicalismo que via crescer nas cidades. Apesar desses modernismos, a elite e a classe média ainda impunham que suas mulheres deveriam ficar em casa e cuidar do lar e dos filhos, mas algumas jovens tentavam ganhar expressão e exigiam igualdade com os homens, inclusive satisfação sexual. Esses aspectos observados pela autora na década de 1920 estão presentes nos pensamentos de Scarlett, que não entendia como os homens podiam fazer certas coisas e as mulheres não, como, por exemplo, beber, e então ela se indagava: “por que razão se fazia tanto barulho quando uma mulher bebia, se os homens podiam não só beber como embriagar-se à vontade?” (MITCHELL, 2000, p.642); e se surpreendia em ver que as mulheres podiam fazer coisas iguais ou melhores que os homens:

era um pensamento espantoso, esse! Absolutamente revolucionário para uma mulher educada, como Scarlett fora, na tradição de que os homens eram oniscientes e as mulheres, de pouco ou nada entendiam. (...) Lembrou-se então de que, o tempo que estivera em Tara, fizera um

trabalho tipicamente masculino. (...) “Creio que as mulheres são capazes de fazer tudo no mundo, sem auxílio dos homens... exceto filhos”. (MITCHELL, 2000, p.585)

Ela mostrava então que as mulheres são tão capazes quanto os homens de trabalhar e fazer cálculos, como lhe disse a avó Fontaine, “a respeito de dólares e de centavos, você é mesmo muito esperta. À maneira dos homens” (MITCHELL, 2000, p.672).

Melanie, porém, é o oposto de Scarlett, depois que foi morar em Atlanta novamente, fez exatamente o que a sociedade esperava que fizesse, ficou em casa cuidando do filho e do lar. Exatamente como Frank, marido de Scarlett pensava: “uma mulher devia cuidar mais da sua casa e da família, em vez de perambular, lutando como um homem” (MITCHELL, 2000, p.605). Quase morrendo de fome, pois o que o marido ganhava era apenas o suficiente para sobreviver, e ainda quando possível abrigava viajantes – principalmente ex-combatentes confederados – e dava-lhes abrigo e comida. Seu coração não foi endurecido pela Guerra e pelas privações e sofrimentos dessa e continuava a viver segundo as tradições que haviam lhe ensinado.

Percebe-se que há uma clara separação do papel da mulher e do homem nas sociedades de ambos os tempos – o do retratado no livro e o da autora –, fruto de construções sociais que datam de longo tempo. Uma dama sabe o seu papel e não ultrapassa esse limite tênue que separa os gêneros, como é o exemplo de Melanie. Mitchell numa carta para Mrs. Julia Collier Harris entende que as mulheres do tempo da Guerra Civil passaram por dificuldades, mas continuaram gentis, o que é essencial para uma dama:

Quando eu olho atrás para os sobreviventes daqueles dias difíceis de guerra e reconstrução eles me impressionaram como bando de pessoas difíceis.(...) Mas difícil no sentido de duro, resistente, forte. As velhas damas certamente não eram lavanda e damas de lacinho antigo. (...)Então eu pensei que eu escreveria sobre os dias de juventude dessas velhas damas e as coisas que tinham acontecido para elas que as fizeram duras, valentes, francas – e gentis.³¹

³¹ Tradução livre da autora: “For when I look back on the survivors of those hard days of war and reconstruction they all impressed me as a remarkably tough bunch of people. (...). But tough in its older meaning, hard, resistant, strong. The old ladies were certainly not lavender and old lace ladies(...)So I thought I’d write about the young days of these old ladies and the things that had happened to them that made them tough and fearless and outspoken – and very gentle” (HARWELL, 1976, p.5-6)

Já Scarlett não vê porque esse limite deveria existir e não o respeita, segundo a própria autora numa carta: “Minha personagem central mulher faz praticamente tudo que uma dama da velha escola não deveria”³². Pelas próprias palavras da autora percebe-se que Melanie pode ser considerada uma verdadeira dama enquanto Scarlett está longe desse conceito.

Nesse tempo da narrativa que a autora construiu pode-se perceber claramente que, através da comparação feita acima, Melanie carrega consigo todos os códigos da sociedade em que está ambientada a obra – década de 1860, antes da Guerra de Secessão – enquanto que Scarlett representa valores trazidos do presente da autora – décadas de 1920 e 1930, antes e durante a crise da Bolsa de Valores. Devido a esses dois tempos se assemelharem, como já foi mostrado em capítulo anterior, é possível para o leitor de 1936 se sentir próximo e entender as dificuldades e atitudes dos personagens do livro. Essa familiaridade de termos da parte do narrador e do leitor é o que qualquer narrativa pressupõe para Ricoeur. Então temos, dentro da mesma narrativa, valores de tempos distintos que são totalmente compreensíveis para o leitor, pois alguns desses valores fazem parte do seu cotidiano. A própria autora em carta para o Dr. Henry C. Link comenta:

Eu tive muitas conversas e cartas com pessoas que me falaram que Scarlett as tinha afetado na maneira que você diagnosticou. Algumas falaram, maravilhadas, “Eu percebi que, enquanto eu estava na pior, meus problemas não eram tão difíceis quanto os dela e que um pouco de bom senso e iniciativa da minha parte os solucionaria” ou “Eu pensei que se ela pode fazer o que ela fez enquanto não tinha nada para lutar além de sua coragem, então eu deveria ter vergonha de falhar e chorar quando eu tenho mais capacidade real do que ela tivera”.³³

Assim percebe-se que os leitores de 1936 e anos posteriores estavam lendo o livro e identificando-se com o tipo de situação que as personagens estavam vivenciando.

³² Tradução livre da autora: “My central woman character does practically every thing that a lady of the old school should not do” (HARWELL, 1976, p.5)

³³ Tradução livre da autora: I have had a great many letters and conversations with people who told me that Scarlett had affected them in the way you diagnosed. Some said, wonderingly, “I realized that, while I was having a bad time, my problems were not as difficult as hers and that a little bit of gumption on my part would solve them” or “I thought if she could do what she did when had nothing to fight with but courage, then I should be ashamed to fail and whine when I had more real capacity than she had”. (HARWELL, 1976, p.342)

Ambas personagens tinham em comum a coragem, coragem de enfrentar as situações. Porém eram diferentes tipos de coragem: a de Melanie é aquela que conhecendo a realidade a enfrenta com as armas que possui, mas sem ultrapassar seus princípios e as tradições às quais é fiel; a de Scarlett é a que, mesmo não conhecendo inteiramente o que virá pela frente, encara e faz o necessário para conseguir o que deseja. A primeira, portanto, era uma dama, com todos os atributos e qualidades que uma deveria ter. A segunda, não possuindo essas qualidades, mas as opostas, era uma anti-dama.

VI – CONCLUSÃO

A época e a sociedade em que vivemos exercem uma grande influência sobre o nosso modo de agir e de pensar. Margaret Mitchell publicou sua obra em 1936, um período em que a sociedade estava sofrendo transformações econômicas e sociais devido à quebra da Bolsa de Valores. Seu livro tem como pano de fundo uma época que também passou por mudanças sociais, políticas e econômicas, devido à Guerra de Secessão (1861-1865) e à Reconstrução (1865-1873).

A autora viveu a década de 1920, anos em que a indústria de bens de consumo estava se desenvolvendo bastante e facilitando as vidas das mulheres, com geladeiras, aspiradores e máquinas de lavar. Momentos nos quais jovens mulheres, apelidadas de *flappers*, estavam se rebelando contra as restrições vitorianas, e tentando se igualar aos homens tanto nos bares quanto na satisfação sexual no casamento. Quando, de repente, em 1929, a Bolsa de Valores quebra e leva a um período chamado de Grande Depressão. Durante a década de 1930, os desempregos aumentavam a cada ano, e mulheres da classe média que antes ficavam em casa para cuidar dos filhos, agora saíam às ruas para procurar emprego e aumentar a renda familiar.

Em 1936, os leitores de Margaret encontraram em seu romance situações semelhantes às que estavam passando. Com a Guerra Civil Americana, a sociedade, classes média e alta, que antes viviam bem, tiveram que mudar sua maneira de viver para poder sobreviver. Por ter como personagens principais mulheres, é possível que as leitoras ao lerem o livro tenham se identificado em algumas situações pelas quais passaram as personagens.

Em Melanie, a autora constrói, ao longo da obra, uma verdadeira dama. Uma pessoa bondosa, meiga, gentil, que possui dignidade, coragem sem lamúrias, sempre procurava ver o lado bom das pessoas, sincera, firme, porém delicada, querendo sempre que todos à sua volta se sentissem bem, que mostrava compaixão pelos demais, sejam eles quem forem, e acima de tudo fidelidade absoluta às antigas tradições. Essa personagem representa os valores do Velho Sul, uma época que já passou. A própria autora o confessa numa carta para Harry Stillwell Edwards: Eu queria mostrar “Melanie” como “Ellen” as antigas damas do velho Sul, gentis e queridas, talvez frágeis, mas nunca de coragem, nunca se desviando do que

acreditavam ser o caminho correto e, não importa o que as chamavam para fazer, e rude circunstancia, sempre permanecendo damas.³⁴

Scarlett, entretanto, é a “anti-dama” do romance, ela se opõe constantemente a Melanie. Não possui nenhum das qualidades dessa. Suas atitudes, algumas vezes, a fazia ser comparada, por outros personagens, com um homem, pois não tinha medo de animais, como cobras e ratos, sua voz era áspera, quando queria alguma coisa procurava o caminho mais curto, e não como as mulheres, com rodeios. Entendendo tão bem e, algumas vezes até melhor, quanto os homens de negócios e matemática, não procura esconder esses seus conhecimentos, o que deveria fazer segundo o costume, é fingir ignorá-los. Ela representa, portanto, os valores que a autora percebe que as mulheres da década de 1930 deveriam ter, sobretudo, de uma mulher que vence os obstáculos postos no seu caminho.

Tanto Scarlett quanto as mulheres que estavam passando pela Depressão deveriam ser fortes, entender de negócios e sair à luta para mostrar aos homens que elas também eram capazes de fazer as mesmas coisas que eles. As jovens que se rebelaram contra as restrições vitorianas encontraram em Scarlett também uma jovem que estava transgredindo as regras tradicionais sulistas.

Melanie morre no final do romance, assim como as antigas tradições estavam morrendo diante de tantas transformações que a sociedade americana estava passando na década de 1930. Scarlett, apesar de, no final da obra, ser bem sucedida financeiramente, é abandonada pelo marido, ficando assim solitária. Mas ela não acredita nisso, continuará lutando para tê-lo de volta, e assim pensando na sua antiga frase que lhe foi tão útil nos momentos de crise, tem a certeza de conseguir reconquistá-lo. “E além disso, amanhã é outro dia”.

³⁴ Tradução livre da autora: I wanted to picture in “Melanie” as in “Ellen” the true ladies of the old South, gentle and dear, frail of body perhaps, but never of courage, never swerving from what they believed the right path, and, no matter what they were called upon to do, by rude circumstance, always remaining ladies. (HARWELL, 1976, p.15)

REFERÊNCIAS

ABOUT Margaret Mitchell. [199-?] Disponível em: <<http://edpapenfuse.com/gwtw/ecp-10-223/mitchell/gwtw-amm.htm>>. Acesso em: 24 de outubro de 2012.

BARBOSA, Rolmes. A geração da revolta: de 1930 a 1947. In: DICKINSON, Thomas. *História da literatura norte-americana: dos inícios a 1930*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1948, p. 391- 419.

COTT, Nancy F. A mulher moderna: o estilo americano dos anos vinte. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (org.). *História das mulheres no Ocidente*. São Paulo: Afrontamento, vol.5, 1995, p. 95-113.

DEGLER, Carl. Modo de vida nortista e sulista e a guerra civil. In: COBEN, Stanley; RATNER, Norman (org.). *O desenvolvimento da cultura norte-americana*. Rio de Janeiro: Anima, 1985.

DIVINE, Robert; BREEN, T.H.; FREDRICKSON, George; WILLIAMS, R.; ROBERTS, Randy. *América: passado e presente*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1992.

FERNANDES, Luiz E.; MORAIS, Marcos V. de. Os EUA no século XIX. In: KARNAL, Leandro; PURDY, Sean; FERNANDES, Luiz E.; MORAIS, Marcos V. de. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2007 p. 132

FREER, Debra. Introdução. In: MITCHELL, Margaret. *A ilha perdida*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

GODINEAU, D. Filhas da liberdade e cidadãs revolucionárias. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (org.). *História das mulheres no Ocidente*. São Paulo: Afrontamento, 1995. vol.4, p. 21-37.

HARWELL, Richard. Margaret Mitchell's *Gone With the Wind* Letters 1936-1949. Nova Iorque: MacMillan Publishing Company, 1976. [Editada]

JORQUERA, Marcela Olea. Lo que comunican los textos: la hermenéutica de Paul Ricoeur. *Revista Información Pública*, Chile, vol.4, nº1, p. 91-101, 2006.

LABAKI, A. ; BUCCI, E.e o vento levou. Folha conta 100 anos de cinema. Rio de Janeiro: Imago, 1995, v. , p. 33-36

LIMA, D. M.; GALINKIN, A. L. *E o vento levou - o tempo em que ser feminina era só ser uma dama...* In: 13º Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social. 2005.

LUEDTKE, Luther S. *América: aspectos geopolíticos, culturais e sociais nos EUA*. Rio de Janeiro: Nórdica, [19--].

MARGARET Mitchell and Black Atlanta. [199-?] Disponível em: <<http://edpafenfuse.com/gwtw/ecp-10-223/mitchell/gwtw-amm.htm>>. Acesso em: 24 outubro 2012.

MILLER, William. *Nova história dos Estados Unidos*. Belo Horizonte, RJ: Itatiaia, 1962.

MITCHELL, Margaret. *...e o Vento Levou*. Belo Horizonte, RJ: Itatiaia, 2000.

NABUCO, Carolina. *Retrato dos Estados Unidos à luz da sua literatura*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1967.

NEVINS, Allan; COMMAGER, Henry Steele. *Breve história dos Estados Unidos*. São Paulo: Alfa-Omega, 1986.

PEREIRA, Débora Diersmann Silva . A Mulher e a Terra em O Tempo e o Vento E o Vento Levou. In: II Congresso Internacional das Linguagens, 2004, Erechim - RS. Mídia e Comunicação. Erechim _ RS: URI - Campus de Erechim, 2004.

PURDY, Sean. O século americano. In: KARNAL, Leandro; PURDY, Sean; FERNANDES, Luiz E.; MORAIS, Marcos V. de. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2007.

RIBEIRO, Adauto Filho. *...E o Vento Levou, o discurso dos vencidos*. São Paulo: USP, 1986. Dissertação de Mestrado. Resumo disponível em: <<http://de.scientificcommons.org/14919179>>. Acesso em 10 novembro 2012.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*: Tomo I. Campinas, SP: Papirus, 1995.

SANMARTIN, Paula. *"Custodians of History": (Re) Construction of Black Woman as historical and Literary Subjects in Afro-American Cuban Woman's Writing (2005)*. Disponível em: <<http://www.lib.utexas.edu/etd/d/2005/sanmartind11923/sanmartind11923.pdf>>. Acesso em: 10 novembro 2012.

SANTOS, Paulo José dos. *Tempos de Tara: uma análise histórica do filme E o vento levou...* 2002. Universidade Federal Fluminense, Niterói. Pós-Graduação Lato Sensu em História Contemporânea.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação & realidade*. Porto Alegre, vol.20, nº2 (jul./dez. 1995), p. 71- 99.

_____. História das mulheres. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p.63-95.

STRAUMANN, Heinrich. *A literatura Norte-Americana no século XX*. [Rio de Janeiro]: Revista Branca, [19--].

THORP, Willard. *Literatura americana no século XX*. Rio de Janeiro: Lidoador, 1965.

VELLOSO, Beatriz. *A lenda, em versão digital*. [2005?] Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT904122-1661,00.html>>. Acesso em 09 novembro 2012.

WILLIAMSON, Joel. *The Crucible of Race: black-white relations in the American South since emancipation* (1984). Disponível em: <[http://links.jstor.org/sici?sici=0022-4529\(198622\)19%3A4%3C709%3ATCORBR%3E2.0.CO%3B2-3](http://links.jstor.org/sici?sici=0022-4529(198622)19%3A4%3C709%3ATCORBR%3E2.0.CO%3B2-3)>. Acesso em: 10 novembro 2012.